

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

KARLA PRISCILA MACHADO BASTOS

O problema de “chutar o balde” do Português Brasileiro para a Língua Inglesa na ótica da Semântica enunciativa: a construção do significado para além da combinação de palavras.

The problem of “chutar o balde” from Brazilian Portuguese into English from de viewpoint of enunciative semantics: constructing meaning beyond the word combination.

SÃO CARLOS - SP

2025

KARLA PRISCILA MACHADO BASTOS

O problema de “chutar o balde” do português brasileiro para a língua inglesa na
ótica da semântica enunciativa: a construção do significado para além da
combinação de palavras.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras da
Universidade Federal de São Carlos, para
obtenção do título de bacharel em
Linguística.

Orientador: Profa. Dra. Carolina de Paula
Machado

São Carlos - SP

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas

Departamento de Letras

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de TCC de Karla Priscila Machado Bastos, realizada em 27 de fevereiro de 2025:

Prof. Dra. Carolina de Paula Machado
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof. Ma. Amanda Castilho Azzali Berardo
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus professores que, de algum modo, contribuíram para a elaboração desta pesquisa. Em minha jornada profissional e de eterna aprendiz, lembrarei de vocês como minhas primeiras inspirações.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para me apoiar e garantir uma educação de qualidade. Às noites em claro de meu pai, sempre em busca de um futuro melhor para mim e para minhas irmãs. À minha mãe, que, por me colocar como prioridade — muitas vezes até mesmo à frente de si própria —, não pôde completar seus estudos anteriormente.

À minha professora de português do ensino fundamental – que, talvez, nem se recorde de mim –, mas que um dia me presenteou com um livro de gramática. À minha antiga professora de inglês, que vibrava com cada pronúncia correta. Aos meus professores do ensino médio, que me acompanharam por longos anos e incentivaram minha busca por uma vaga na universidade pública. A cada um deles, sou grata pelos conhecimentos compartilhados, pelos conselhos e até mesmo pelos necessários “puxões de orelha”.

Aos meus professores da UFSCar, minha mais profunda admiração e respeito. Vocês, doutores, me ensinaram a ser professora. Me ensinaram a ensinar. Com vocês, aprendi a valorizar o estudo e a lutar pelos meus direitos. Foram anos conturbados; vocês demonstraram força e resiliência, mesmo quando as circunstâncias exigiam mais do que era possível suportar. Saibam que nada disso foi em vão.

Ao meu namorado que estudava dias e dias ao meu lado. Pela cumplicidade, compreensão e por instigar o meu melhor a cada dia. Pelos conselhos, atenção e me encorajar nos momentos que eu precisei.

Aos dois (longos) anos de cursinho, que me ensinaram não apenas a estudar, mas também que o esforço, a paciência e a disciplina são fundamentais para alcançar os objetivos.

Aos meus amigos de curso e aos que tive a felicidade de encontrar ao longo desta experiência. Por contribuírem para minha formação pessoal e profissional, por dividirem momentos inesquecíveis e por tornarem esta trajetória mais leve.

A mim. Por ter realizado este sonho.

EPÍGRAFE

“estar-já-aí da primeira língua é um dado ineludível, mas essa língua é tão onipresente na vida do sujeito, que se tem o sentimento de jamais tê-la aprendido”

(Christiane Reduz)

RESUMO

Este trabalho trata dos desafios e das limitações da tradução literal de expressões idiomáticas (Elis) do Português Brasileiro (PB) para a Língua Inglesa (LI), à luz da Semântica Enunciativa. O objetivo principal é investigar os deslocamentos de sentido decorrentes da tradução literal dessas expressões, considerando a enunciação como um acontecimento singular em que o sujeito mobiliza memórias e projeta interpretações futuras. Para isso, a pesquisa toma como objeto a EI “chutar o balde”, comparando os sentidos produzidos por ferramentas de tradução automática (TA), como o Google Tradutor, e os sentidos construídos em espaços de enunciação colaborativos, como o fórum *English Experts*. O estudo evidenciou que, enquanto as TAs operam com uma abordagem formalista e descontextualizada, ignorando a historicidade e a cena enunciativa em que a expressão ocorre, as traduções colaborativas, por sua vez, mobilizam o memorável e incorporam elementos culturais e sociais que contribuem para uma interpretação mais próxima da significação original. A análise demonstra que a tradução literal frequentemente gera ambiguidades e perda de sentido, destacando a necessidade de considerar os aspectos discursivos, históricos e ideológicos que atravessam a construção do significado. Por fim, o estudo oferece sugestões didáticas para o ensino de línguas estrangeiras, enfatizando a importância da inserção das Elis em contextos reais de enunciação, bem como a exploração das diversas possibilidades interpretativas, contribuindo para uma abordagem tradutória que respeite a heterogeneidade dos sentidos e promova uma maior integração cultural entre línguas e sujeitos.

Palavras-chave: Expressões Idiomáticas. Metáfora. Sentido. Semântica Enunciativa. Tradução literal.

ABSTRACT

This work addresses the challenges and limitations of the literal translation of idiomatic expressions (IEs) from Brazilian Portuguese (BP) into English in the light of Enunciative Semantics. The main objective is to investigate the shifts in meaning that result from a literal translation of these expressions, considering the enunciation as a singular event in which the subject mobilizes memories and projects future interpretations. To this end, the study takes IE "kicking the bucket" as its subject and compares the meanings generated by automatic translation (AT) tools such as Google Translator with the meanings that emerge in collaborative enunciation spaces such as the English Experts Forum. The study has shown that ATs work with a formalistic and decontextualized approach, ignoring the historicity and enunciative scene in which the expression occurs. In turn, collaborative translations mobilize memories and incorporate cultural and social elements that contribute to a more accurate interpretation of the original meaning. The analysis shows that literal translation often leads to ambiguity and loss of meaning, which emphasizes the need to take into account the discursive, historical, and ideological aspects that intersect the construction of meaning. Finally, the study offers didactic suggestions for foreign language teaching by emphasizing the importance of integrating EIs into real contexts of enunciation exploring the different possibilities of interpretation, thus contributing to an approach to translation that respects the heterogeneity of meanings and promotes greater cultural integration between languages and subjects.

Keywords: Idiomatic Expressions. Metaphor. Meaning. Semantics Enunciative. Literal Translation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tela de início do fórum do <i>English Experts</i>	20
Figura 2 – Tela de início do <i>Google Tradutor</i>	23
Figura 3 – Equivalente a “Chutar o balde” em inglês	25
Figura 4 – Expressões alternativas para “Chutar o balde”	26
Figura 5 – Expressão “foi dessa para uma melhor” no <i>Google Tradutor</i>	27
Figura 6 – Mostrar dicionário para “ <i>kick the bucket</i> ”	39
Figura 7 – Tradução “chutar o balde”	44
Figura 8 – Buscando o sentido de “Chutar o balde”	44
Figura 9 – DSD Reescrituração por definição	45
Figura 10 – DSD Reescrituração por sinonímia	46
Figura 11 – “ <i>To kick up a fuss</i> ”	46
Figura 12 – “ <i>To throw the towel</i> ”	46
Figura 13 - “ <i>To flip one’s lid</i> ”	47
Figura 14 - “ <i>To go rogue</i> ”	47
Figura 15 - “ <i>To kick the dog</i> ”	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	13
3. METODOLOGIA	14
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
4.1. TEORIAS DE TRADUÇÃO	17
4.2. ENGLISH EXPERTS	19
4.3. O FUNCIONAMENTO DO GOOGLE TRADUTOR E OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA (TA)	21
4.4. TRADUÇÃO POR EQUIVALÊNCIA E TRADUÇÃO LITERAL: LIMITES E IMPLICAÇÕES	23
4.5. A TRADUÇÃO SOB A ÓTICA DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO	28
4.6. EXPLORANDO A METÁFORA E O SENTIDO PARA AS DEMAIS SUBÁREAS DA LINGUÍSTICA	31
4.7. A METÁFORA E O SENTIDO PARA OS ESTUDOS HISTÓRICOS DA ENUNCIÇÃO	34
4.8. AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E A METÁFORA	36
4.9. O MITO DO DICIONÁRIO	39
5. ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO	40
5.1. ANÁLISE SEMÂNTICA-ENUNCIATIVA DA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DA EXPRESSÃO IDIOMÁTICA “CHUTAR O BALDE”	40
5.2. DESCRIÇÃO DA CENA ENUNCIATIVA.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1. INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002) e com base na abordagem enunciativa, esta pesquisa objetiva investigar os problemas de sentido decorrentes da tradução literal de expressões cristalizadas do Português Brasileiro (entendido aqui como Língua Materna – L1) para uma Língua Estrangeira (LE), mais especificamente a Língua Inglesa (LI). Essa investigação parte da compreensão da complexidade da língua, que transcende a ideia de ser um sistema meramente codificado.

Para tanto, será necessário abordar a língua sob três aspectos fundamentais: i) como um código não-transparente; ii) como portadora de significados que não são fixos ou predeterminados; iii) como fenômeno ideológico, cujos sentidos são culturalmente constituídos nas práticas sociais, mediadas por sujeitos e coletividades, como instituições sociais (religião, escola, família, entre outras).

Ao reavaliar a tradução literal como uma alternativa para preservar os sentidos das Expressões Idiomáticas (EI) em sua língua de origem, torna-se essencial reconhecer, sobretudo, que não é a língua em si que comunica a mensagem. Isso porque o conhecimento do código linguístico, embora necessário, não é condição suficiente para que haja a interpretação, e, portanto, o entendimento integral de tais expressões. Em outras palavras, uma comunicação verbal efetiva requer o domínio do código, mas ultrapassa essa dimensão ao envolver fatores discursivos e culturais.

Dessa forma, busca-se entender como a interpretação adequada de expressões cristalizadas vai além do conhecimento estrito do código linguístico. Em um segundo momento, pretendo investigar como o professor de LE pode promover o contato dos alunos com essas expressões, estimulando a exploração de formas de entendimento de mundo distintas daquelas legitimadas pela cultura nacional, observando a língua no seu funcionamento.

Para atender a esses objetivos, foi escolhida uma EI do Português Brasileiro para análise: “Chutar o balde”. Essa expressão será examinada quanto aos desafios e problemas de sentido que emergem de sua tradução literal para a língua-alvo, no caso, a Língua Inglesa.

Primeiramente, serão investigados os contextos cultural e histórico dessa expressão no PB, e de que forma ela reflete tais aspectos em seus usos. Isso implica compreender a relação entre significante e significado — a significação — como algo histórico, sendo determinado pelas condições sociais de sua existência, e não apenas por sua etimologia.

O sentido será abordado considerando que ele se constitui na enunciação, isto é, só pode fazer sentido porque já está inserido em um contexto de significados historicamente

construídos. Isso ocorre porque, antes mesmo de falarmos, algo já foi dito em algum outro espaço ou momento. Assim, a significação das palavras não é espontânea, mas deriva da memória linguística, um acervo de enunciados passados que, ainda que muitas vezes esquecidos, influenciam e determinam o que pode ser dito no presente.

Além da Semântica do Acontecimento, vamos nos embasar na Análise de Discurso materialista. O discurso, nessa perspectiva, não é apenas um fenômeno acidental, mas um elemento estruturante e inevitável da produção de sentidos. Ele se configura como um espaço dinâmico, no qual coexistem tanto formas estabilizadas quanto interpretações ambíguas e sujeitas a deslocamentos. Nessa zona de transição entre o já estabelecido e o passível de ressignificação, observa-se um campo de indefinições e contradições. Como destaca Pêcheux (1990 apud Orlandi, 1998), o discurso não é um território rigidamente fixado, mas sim um espaço em que as interpretações oscilam, revelando os limites e as imprecisões da linguagem.

A possibilidade de que um enunciado se converta em outro evidencia sua abertura ao equívoco e à ressignificação constante. Esse espaço onde um enunciado pode tornar-se outro corresponde ao campo da interpretação, no qual o inconsciente e a ideologia se manifestam na construção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É nesse ponto que se situa a alteridade constitutiva e o próprio interdiscurso: a presença do "outro" na sociedade e na história permite a articulação discursiva, possibilitando relações de sentido, identificação e transferência.

Nesse contexto, na sequência será analisada a tradução literal dessa expressão para a LI, identificando os possíveis problemas de sentido, as ambiguidades e as dificuldades de compreensão que ela pode gerar para falantes nativos do inglês. Com base nessa análise, é possível investigar como essas expressões cristalizadas podem ser ensinadas de forma eficaz em aulas de LE, desenvolvendo estratégias que facilitem o ensino-aprendizagem.

Para essa análise, a expressão será tratada como um todo, ou seja, como um bloco de significação, em vez de uma unidade composta de signos isolados. Como afirma Guimarães (2002), o principal desafio reside no fato de que as palavras não possuem um único significado fixo e imutável que se aplica a todas as situações, por conta do caráter enunciativo do significado. Sendo assim, o sentido da EI será analisado em sua relação com os sujeitos que as enunciam, os objetos a que se referem e o mundo em que estão inseridas. Esses aspectos serão aprofundados ao longo da pesquisa.

2. JUSTIFICATIVA

A aprendizagem de uma língua estrangeira ultrapassa a mera aquisição de regras gramaticais ou a memorização de vocabulário. Ela se desdobra em uma jornada contínua de descoberta, na qual não há um limite, um fim ou uma instância em que o conhecimento se faz plenamente suficiente, pois sempre há algo novo a aprender. Esse processo pode se dar das maneiras mais diversificadas e dinâmicas possíveis; não há um único modo de ensinar/aprender, mas, sim, abordagens mais eficazes que outras.

Nesse sentido, é inconcebível que o ensino-aprendizagem do léxico se restrinja a listas extensas de palavras, organizadas para memorização ou classificadas em paradigmas rígidos. O estudo da língua exige uma análise mais ampla, que considere as relações intrínsecas e extrínsecas entre as palavras – como antônimos, sinônimos, homônimos, campos semânticos, graus de equivalência e redes de significados. Além disso, é preciso que o léxico esteja fora das tabelas para analisá-lo no contexto da “vida real”, analisando-o em enunciados concretos, produzidos por sujeitos em situações específicas e em relação a outros discursos.

Dessa perspectiva, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender e abordar os desafios das traduções literais, as quais são sustentadas no ensino-aprendizagem do léxico, especialmente no que tange às EI. Afinal, elas desempenham um papel crucial na língua, pois refletem aspectos culturais, históricos e sociais de um grupo em determinado momento, sendo determinantes para manter viva a cultura de um povo. Logo, reconhecê-las e compreendê-las torna-se imprescindível para o domínio de línguas.

Nessa perspectiva, a análise deve considerar a enunciação, ou melhor, o acontecimento da enunciação como um todo: os elementos linguísticos, os sujeitos, o memorável e o contexto – situações específicas que, na teoria da Semântica do Acontecimento, serão abordadas por meio do conceito de cena enunciativa. Isso porque, dentro das pesquisas deste campo, o sentido dos enunciados se dá na totalidade do texto. Desse modo, os sentidos não estariam inscritos apenas no nível do linguístico, mas também no extralinguístico.

No entanto, o processo tradutório das EIs é notoriamente desafiador. Culturalmente, é esperado que a tradução “produza os valores do original em uma troca com equilíbrio, ou seja, que traga em uma segunda língua, equivalentes em sentido ou em forma dos presentes em uma primeira língua.” (RODRIGUES, 2000, p. 91). Entretanto, devemos levar em consideração que cada signo, isto é, cada palavra, cada expressão, relaciona-se de maneira diferente com outros signos e enunciados de cada língua. Na maioria das vezes, as EI não são passíveis de tradução literal.

Portanto, torna-se evidente que as traduções literais de EI frequentemente resultam em mal-entendidos, perda de significado ou até mesmo expressões ininteligíveis. Isso ocorre porque as expressões não carregam, em si mesmas, um sentido fixo; pelo contrário, seus significados são recortados no acontecimento da enunciação, uma vez que os enunciados e palavras possuem uma história de enunciações cujos sentidos são rememorados no presente do dizer. Assim, elas se ancoram a sentidos já enunciados anteriormente, o que dificulta sua simples transposição entre línguas sem prejuízo interpretativo.

Essa problemática é perceptível quando aproximamos o Português Brasileiro (tido aqui como língua fonte das expressões) e o Inglês (língua alvo), línguas fundamentalmente divergentes em suas raízes, estruturas, aspectos fonéticos, gramaticais e lexicais. A Semântica do Acontecimento, ao concentrar-se na interpretação dos significados no contexto da enunciação, oferece uma base teórica sólida adequada para analisar essas traduções e enfrentar seus desafios, pois permite uma abordagem que relaciona todos os aspectos do objeto linguístico.

Assim, este estudo, além de identificar as dificuldades inerentes a essa tarefa, apresenta uma importante dimensão prática. Ao problematizar a tradução literal de EIs e propor soluções que respeitem as especificidades culturais e semânticas das línguas envolvidas, este estudo não apenas contribui para os estudos de tradução, mas também para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras. Propor estratégias que auxiliem no ensino-aprendizagem do léxico – especialmente no caso das EIs – enriquece a prática pedagógica e promove uma maior integração cultural entre os falantes de diferentes idiomas.

Por fim, esta pesquisa pode contribuir para destacar a riqueza e a diversidade linguística do Português Brasileiro, evidenciando como suas EIs refletem as complexas relações culturais e sociais do país. Com isso, busca-se fomentar uma maior compreensão das diferenças culturais que influenciam o processo tradutório e ampliar os horizontes de pesquisa no campo da Semântica Enunciativa e da tradução, promovendo um diálogo mais rico entre línguas e culturas.

3. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa fundamenta-se na Semântica Enunciativa, conforme proposta por Guimarães (2002), que tem uma relação teórica com conceitos da Análise do Discurso de tradição francesa, trazida ao Brasil e desenvolvida por Eni Orlandi. Neste trabalho,

é apresentada uma análise detalhada sobre uma EI e seu sentido figurado popular, principalmente na oralidade do português brasileiro.

Assim, esta pesquisa envolve questões estruturais da ordem da língua, questões relativas ao acontecimento da enunciação e questões relativas à história (formação e circulação das expressões).

O estudo demonstra o processo metafórico presente nas EIs, destacando que essas expressões não remetem diretamente ao ato de significar em si, mas que ao serem enunciadas, o acontecimento recorta um memorável, que é ressignificado em cada uso, no presente do dizer. Analisamos os efeitos de sentido ao examinar o funcionamento dessas expressões no acontecimento enunciativo, ou seja, o lugar em que são enunciadas e os enunciados anteriores. Só assim seria possível entender a complexidade de significados das expressões quando são enunciadas.

A análise busca comparar dois espaços distintos de definição dessas expressões: i) os espaços de discussão colaborativa dedicados ao ensino e à aprendizagem da língua inglesa de Inglês on-line (*English Experts*); e ii) os espaços definitivos e autorizados, como ferramentas de tradução automática - TA (*Google Tradutor*), a fim de observar diferenças entre traduções, em especial a equivalência com o conteúdo original, uma vez que ambos podem contribuir para descrever a cena enunciativa.

Os dois espaços escolhidos para a coleta de dados – o *English Experts* e o Google Tradutor – possuem características distintas e complementares, o que enriquece a análise do *corpus*. O *English Experts*, por ser um fórum voltado ao aprendizado de inglês, permite observar expressões idiomáticas em um contexto mais espontâneo e interativo, no qual os falantes compartilham conhecimentos linguísticos de maneira informal, frequentemente acompanhados de juízos de valor e explicações baseadas na experiência. Esse ambiente favorece a identificação de expressões que podem não estar registradas em materiais acadêmicos ou dicionários tradicionais.

Já o Google Tradutor representa uma abordagem diferente, pois opera com um sistema de tradução automática projetado para oferecer equivalências linguísticas de forma neutra e direta, sem intervenção humana colaborativa. A escolha dessa ferramenta se justifica pelo seu papel amplamente difundido na comunicação global e pela sua influência no modo como as pessoas acessam informações em outros idiomas.

A comparação entre as traduções fornecidas por um sistema automatizado e as interpretações feitas por falantes em um ambiente interativo se torna especialmente relevante no estudo de expressões idiomáticas, já que essas estruturas linguísticas carregam significados

que vão além da soma literal de suas palavras. Assim, analisar como esses dois recursos lidam com tais expressões permite compreender melhor os desafios da tradução e os mecanismos de construção de sentido na linguagem natural.

Primeiramente, será investigada a construção dessas expressões a fim de entender como elas são formadas e estruturadas, e de que maneira seus elementos articulam-se para produzir os sentidos atribuídos socialmente a essas designações genéricas. Posto isso, passaremos às definições dessas expressões. Há diversas tentativas de defini-las nos espaços *on-line*, onde colaborativamente criam correspondências e exemplos de uso, demonstrando o funcionamento real das expressões na língua. Guimarães argumenta que “as coisas existentes só são referidas enquanto significadas, e não simplesmente enquanto existentes” (Guimarães, 2002, p.10 apud Bertagnoli, 2011, p.12). Isso significa que a referência é uma relação entre língua e objeto, pela historicidade. Assim, o processo de referência dessas expressões é construído a partir da memória linguística, ou seja, através da história.

Primeiramente, faremos uma descrição e análise do processo de reescrituração da expressão “chutar o balde” nos textos tradutórios do Google tradutor e no site *English Experts* para observarmos quais os sentidos atribuídos à expressão.

Em seguida, nos debruçaremos sobre a cena enunciativa em que essas definições são produzidas, buscando responder a quatro questões principais: i) Quais são os lugares sociais a partir dos quais essas definições são produzidas? ii) Quais sentidos são gerados pelos elementos que compõem essas expressões? iii) Quais são os memoráveis recortados no acontecimento da enunciação? iv) Quais são os problemas da tradução literal dessas expressões? Isto é, como ocorre os deslocamentos de sentido?

A enunciação é tomada aqui como “um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (Guimarães, 2002, p.8 apud Bertagnoli, 2011, p.7). O foco se desloca do locutor para o enunciado, que instaura a temporalidade da linguagem. Assim, o tempo do enunciado não se limita à cronologia, mas é construído pela história (o memorável) e pelas projeções futuras (o interpretável).

Guimarães também ressalta que o espaço de enunciação é político, sendo constituído pela interação de diferentes línguas e identidades, disputando continuamente posições de poder. Essa disputa não se dá apenas pela língua, mas envolve hierarquias de identidades, reestruturando a noção de falante como um sujeito que tem com a língua uma relação política. Assim, notamos que os falantes comuns definem essas expressões de forma diferente dos TA – o mais próximo que temos de sujeitos autorizados. Enquanto os falantes se baseiam em suas

experiências sociais e pelo contexto em que estão inseridos, os TA tentam ser mais neutros e objetivos.

Por outro lado, os fóruns não seguem o rigor acadêmico dos dicionários tradicionais, permitindo uma maior liberdade na forma como os termos são definidos e discutidos, sendo, então, uma ferramenta mais dinâmica e próxima da linguagem viva. A questão é que, para nós, esse modo como a referência entre as palavras e o mundo se dá é permeado pela historicidade dos sentidos em uma dada língua e sua relação com os sujeitos que enunciam.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. TEORIAS DE TRADUÇÃO

Neste momento traremos a teoria de Souza (1998), apresentada em *Teorias da tradução: uma visão integrada*. Embora não seja especificamente voltada para a Semântica da Enunciação, ela oferece contribuições importantes para a compreensão do processo tradutório. O autor aborda a tradução como um fenômeno complexo que envolve múltiplos níveis de análise, desde aspectos cognitivos e linguísticos até questões culturais e pragmáticas.

Sua abordagem destaca a inexistência de uma Teoria Unificada da Tradução, ressaltando que diferentes perspectivas teóricas oferecem princípios úteis para compreender e avaliar o ato tradutório. Dessa forma, mesmo sem se inserir diretamente na Semântica da Enunciação, a visão de Souza auxilia na reflexão sobre os desafios inerentes à tradução e à construção de sentido entre línguas.

A mais antiga controvérsia na tradução reside na tensão entre os modelos literal e livre, frequentemente vistos como opostos. A tradução literal é associada à fidelidade e à neutralidade, enquanto a tradução livre é vinculada à subjetividade e à infidelidade. Essa divergência é intensificada por diferentes percepções sobre a função predominante da linguagem: para alguns, o foco está na expressão literária, enquanto para outros, na função referencial, ou seja, a capacidade de informar (Souza, 1998).

Contudo, essas abordagens podem ser complementares, variando conforme o objetivo, o tipo de texto e as especificidades culturais e linguísticas dos idiomas envolvidos (Barbosa, 1990, p. 91-101 apud Souza, 1998, p.52). Nesse sentido, é possível identificar duas modalidades válidas de tradução: a literal, centrada na forma, e a livre, focada no sentido e nas ideias. A escolha entre elas depende do equilíbrio necessário para preservar tanto a estrutura quanto o significado no processo tradutório.

Apesar de alguns teóricos chegarem a negar a possibilidade da tradução, fundamentando-se em argumentos como os de Humboldt e seus seguidores — que defendem que cada língua é uma visão de mundo única, acessível apenas por meio dela mesma (Paes, 1990, p.33, apud Souza, 1998, p.52) —, tais argumentos são insuficientes para descartar a viabilidade da tradução. Ainda de acordo com Souza (1998), por mais que seja verdade que as línguas podem moldar parcialmente o pensamento, como exemplifica o fato de que, em português, medimos distâncias em quilômetros, enquanto, em inglês, utilizam-se milhas, esses casos são exceções dentro do universo linguístico. Para ele, o pensamento humano e as línguas compartilham mais semelhanças do que diferenças, permitindo tanto a comunicação quanto a tradução.

Segundo Souza (1998), a tradução, mesmo sendo uma atividade praticada há mais de dois mil anos, é considerada por ele como "imperfeita e limitada". No entanto, a partir da perspectiva adotada neste trabalho, cabe questionar essa suposta imperfeição e limitação. A Semântica da Enunciação, por exemplo, reconhece que não há sinonímia perfeita, o que significa que não conseguimos simplesmente substituir um termo por outro e conservar exatamente o mesmo significado. Para nós, o sentido se constrói na articulação entre as palavras, na história de enunciações e no lugar social de quem enuncia.

Assim, não se trata de enxergar a língua como um sistema fechado e desprovido de ambiguidades, mas de compreender que metáforas, polissemias e relações semânticas são partes inerentes ao funcionamento da linguagem. A sinonímia e outras relações semânticas não são fixas, mas emergem no acontecimento enunciativo. Isso não significa que o significado etimológico ou lexicográfico seja descartado, mas sim que ele deve ser compreendido dentro da história dos sentidos que a palavra já mobilizou. Dessa forma, não é possível tratar a tradução apenas como um processo mecânico de equivalências entre termos isolados, pois a construção de sentido depende do contexto e do ato enunciativo no qual a palavra se insere.

O autor traz a afirmação de Snell-Hornby (1995, p. 131) a fim de reforçar a tradução como um processo natural e essencial à comunicação humana: “sem a tradução, o mundo de hoje, com seu rápido intercâmbio de informações, seria impensável”. De fato, toda comunicação verbal, seja intralingual ou interlingual, envolve algum nível de tradução. Jakobson (1971) desenvolve essa ideia ao afirmar que:

(. . .) o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’, como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da essência dos signos. (...) Distinguimos três maneiras de

interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais (JAKOBSON, 1971, p.64).

O autor ainda explica que “as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar” (1971, p. 69), em outras palavras, as línguas não se distinguem pelo conteúdo que podem transmitir, mas pela forma como o fazem. Segundo ele, a experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer idioma. Embora não haja equivalência total entre línguas no nível formal, há equivalência no conteúdo comunicativo, o que torna a tradução possível. Assim, cada língua funciona como um sistema único, com códigos e regras próprias, mas também como um meio de comunicação, permitindo a transmissão de significados entre diferentes idiomas.

Dessa forma, apesar de não existirem correspondências exatas de valores linguísticos (no sentido saussuriano), as línguas apresentam correspondências de significação que viabilizam o ato tradutório. Nesse processo, o tradutor desempenha um papel de mediação, negociando entre o texto de partida e o texto de chegada, utilizando dois tipos de conhecimento: o linguístico e o não linguístico.

O conhecimento linguístico possibilita identificar e substituir valores relativamente objetivos entre os idiomas, enquanto o conhecimento não linguístico, combinado com as liberdades e finalidades tradutórias, permite ao tradutor interpretar e produzir significados subjetivos. Assim, a tradução envolve dois processos simultâneos e complementares: a substituição objetiva, mais literal, e a produção subjetiva, mais livre, ambas indispensáveis para assegurar a transmissão de significados entre línguas.

Nesta pesquisa, consideraremos duas técnicas de tradução como relevantes: a tradução literal e a tradução por “equivalência”. A seguir, detalharemos essas técnicas e as correlacionaremos com as duas plataformas exploradas no contexto da tradução da expressão idiomática “chutar o balde”: o fórum *English Experts* e o tradutor automático do Google.

4.2. ENGLISH EXPERTS

O *English Experts* é uma comunidade *online* brasileira fundada em 2006, dedicada ao ensino e aprendizado da língua inglesa, com foco na interação colaborativa entre professores, tradutores, estudantes e entusiastas da língua. O site combina funcionalidades de *blog* e fórum, oferecendo um espaço para o compartilhamento de conhecimento linguístico e cultural, e depende da participação ativa dos usuários para gerar conteúdo.

O fórum permite que seus membros discutam e proponham traduções e interpretações de EIs em língua inglesa, muitas vezes ausentes em dicionários tradicionais. No contexto desta pesquisa, a plataforma será utilizada como fonte para a coleta de dados empíricos relacionados à EI “chutar o balde” – para compor o nosso *corpus*.

As interações no fórum seguem um modelo colaborativo, em que as perguntas feitas pelos usuários podem receber múltiplas respostas. Por sua vez, essas respostas são avaliadas por meio de um sistema de votos, priorizando as contribuições mais relevantes e confiáveis. Essa dinâmica possibilita observar o processo coletivo/social de construção de significados.

A análise no *English Experts* permitirá acessar não apenas as propostas de tradução da EIs selecionada, mas também o contexto argumentativo em que essas traduções são formuladas e os aspectos culturais e linguísticos que sustentam as discussões.

O *English Experts* foi escolhido como *corpus* por seu caráter informal, essencial para encontrar esse tipo de expressão que não aparece em documentos formais, apesar de algumas já terem sido registradas em dicionários. As expressões e explicações compartilhadas nos fóruns não advêm do lugar do saber científico, mas refletem o saber linguístico compartilhado pelos falantes, com julgamentos de valor mais evidentes. Enquanto isso, o Google Tradutor está configurado para ser mais pontual, neutro não colaborativo.

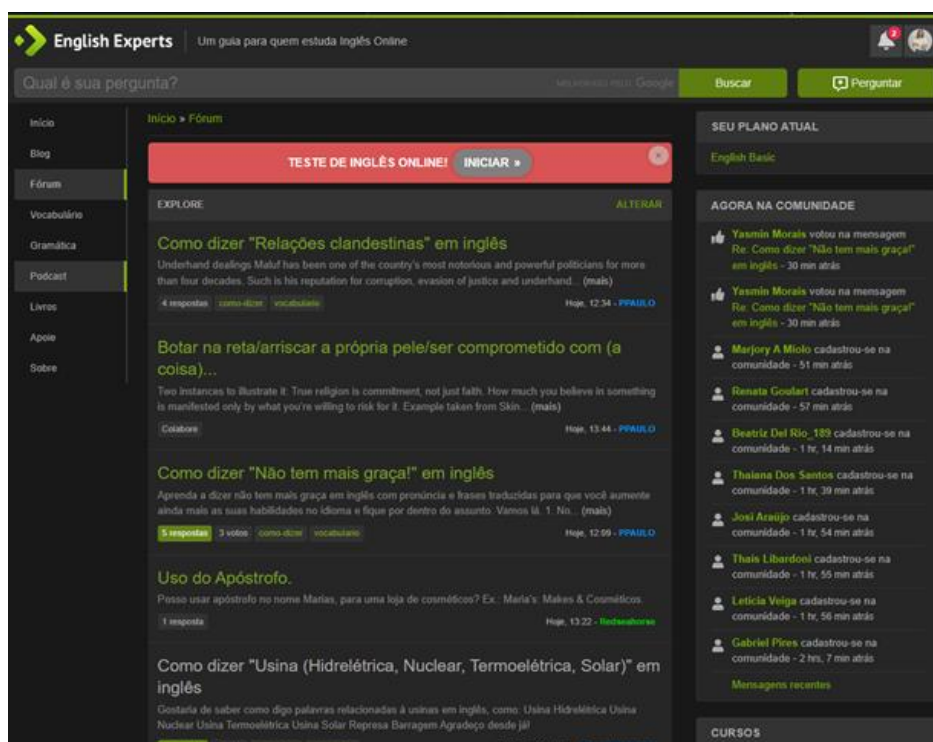


Figura 1 – Tela de início do fórum do *English Experts*. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/?sid=c31434c4eabba8ffb7cae36df71738f2>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

4.3.O FUNCIONAMENTO DO GOOGLE TRADUTOR E OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA (TA)

O Google Tradutor, lançado em 28 de abril de 2006, evoluiu significativamente desde sua criação. Inicialmente, a tradução se limitava entre inglês e árabe, utilizando um sistema baseado em regras gramaticais e dados bilíngues de fontes oficiais, como documentos da ONU. Com o tempo, o serviço adotou tecnologias mais avançadas, especialmente o aprendizado de máquina (Machine Learning), baseado em Redes Neurais Artificiais (RNA). Essas redes imitam a arquitetura do cérebro humano, permitindo que o sistema identifique padrões em grandes volumes de dados e aprenda com o uso contínuo, minimizando a necessidade de intervenção humana (Lee, 2019, p.18, apud Do Nascimento Pimentel; Bertoque, 2022, p.169).

Originalmente, o Google Tradutor utilizava o método estatístico (SMT), traduzindo palavras isoladamente e sem considerar o contexto, o que resultava em traduções literais e imprecisas. A partir de 2016, com a adoção da tradução neural, o sistema passou a processar sentenças inteiras, levando em conta o contexto e aprimorando a qualidade das traduções por meio da aprendizagem por reforço. Esse processo permite que o Tradutor aprenda com correções feitas pelos próprios usuários, como no caso comentado pelas autoras Pimentel e Bertoque (2022) da expressão informal “cê” (substituto de “você”), que passou a ser corretamente traduzida para *you* devido ao reforço de seu uso frequente na rede.

De outra forma, o programa não utiliza apenas regras gramaticais – regularidades gerais da língua, ou seja, que considere a organização sintática (Ordem SVO - Sujeito, Verbo, Objeto, por exemplo) – e palavras soltas como dados para a tradução, considerando seu armazenamento do léxico das línguas. O sistema do Google analisa todos os textos traduzidos que se encontram na rede e aqueles que forem mais recorrentes, portanto, reforçados, são aprendidos pela RNA. Esse sistema de programação possui algumas funções que permitem corrigir e escolher a tradução mais eficiente, reforçando a forma correta (regular/comum). Isso quer dizer que “hoje, seus próprios usuários ajudam a ampliar o banco de dados sugerindo traduções alternativas àquelas que lhes são apresentadas” (Astangl, 2010, p.33, apud Do Nascimento Pimentel; Bertoque, 2022, p.170).

Apesar desses avanços, o Google Tradutor ainda enfrenta desafios significativos, especialmente em relação à compreensão de aspectos pragmáticos, culturais, semânticos e enunciativos complexos. Isso é particularmente relevante no caso das EIs, cujo significado transcende a soma literal de seus componentes. Embora a Inteligência Artificial (IA) tenha progredido na simulação de funções cognitivas humanas, ainda não existe um modelo capaz de

reproduzir integralmente a complexidade da mente humana e da linguagem natural (Russel & Norvig, 2001; Fernandes, 2003; Othero, 2005).

A tradução automática ou a tradução por máquina automática (*Machine Translation - MT*) é o processo de conversão de mensagens entre idiomas naturais por meio de ferramentas computacionais, com o objetivo de preservar a equivalência de conteúdo entre a língua-fonte e a língua-alvo.

A evolução das tecnologias de tradução automática levou ao desenvolvimento de ferramentas amplamente utilizadas, como o Google Tradutor, que têm contribuído para ampliar o acesso à comunicação em diferentes idiomas, facilitando relações socioeconômicas, científicas, religiosas e vários outros propósitos de comunicação advindos da globalização.

Apesar de seus avanços desde os primeiros projetos desenvolvidos por motivações militares durante a Guerra Fria, a tradução automática ainda apresenta limitações significativas: “a ineficiência nesse processo ocorre porque a tradução depende de conhecimentos semânticos, gramaticais, léxicos, de aspectos extralinguísticos e conhecimentos empíricos” (De Melo; De Oliveira Matos; Dias, 2014, p.35, apud Sales, 2011, p. 19-37). As máquinas ainda não conseguem reproduzir essas características humanas tão peculiares e há uma necessidade de revisão humana para garantir a qualidade e a usabilidade dos textos traduzidos.

Para as EIs, essas questões são essenciais devido à complexidade semântica, enunciativa e cultural envolvida, cujo significado transcende à soma literal de seus componentes lexicais. No contexto desta pesquisa, os TAs serão utilizados para comparar as traduções das EIs realizadas por eles e pelos usuários do fórum do *English Experts*.

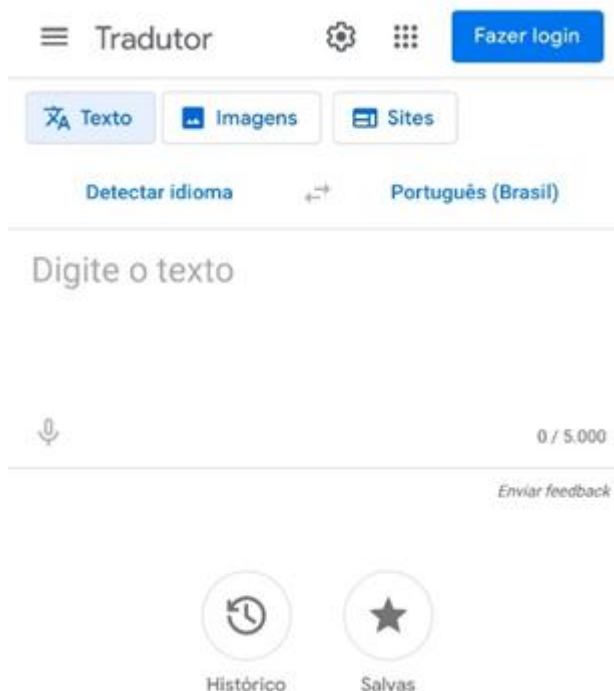


Figura 2 – Tela de início do *Google Tradutor*. Fonte: *Google Tradutor* - Disponível em: <<https://translate.google.com.br/details?sl=pt&tl=en&op=translate>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

4.4. TRADUÇÃO POR EQUIVALÊNCIA E TRADUÇÃO LITERAL: LIMITES E IMPLICAÇÕES

No contexto da tradução, equivalência refere-se ao esforço de transmitir a mesma situação ou significado utilizando recursos formais e estilísticos distintos. Essa abordagem é comumente empregada na tradução de ditados e provérbios específicos de uma cultura. A ideia tradicional de equivalência, frequentemente associada a um equilíbrio idealizado entre as línguas, revela-se igualmente problemática.

Costuma-se conceber a tradução como o processo de transmitir o mesmo sentido ou forma de um original em outra língua. Espera-se, então, que ela reproduza os valores do original, mantendo um equilíbrio, ou seja, apresentando equivalentes em sentido ou forma na língua de chegada. Contudo, o texto resultante (traduzido) não é simplesmente uma incorporação do texto anterior "transportado". Na medida em que o original não pode ser considerado um objeto fixo, o que permanece ou sobrevive não é simplesmente uma essência que assume uma nova aparência.

A tradução, no entanto, frequentemente considerou que era possível acessar plenamente a origem. Essa ideia manifesta-se na literatura tradutória pelo uso dos termos "texto original" e "texto-fonte", que sugerem a existência de uma origem transparente, carregada de sentido

intencional. Sob outra perspectiva, o chamado texto-fonte não está repleto de significados definitivos; ele é movimento, heterogeneidade. Como os signos, ele não pode ser recuperado como uma pura origem, mas como um efeito produzido no contínuo movimento dos significados.

A tradução não pode simplesmente transportar valores iguais aos do texto de partida porque o processo de traduzir transforma esses valores. Nesse sentido, a tradução é um texto que se insere em uma nova cadeia de significados diferenciais, substituindo e modificando o texto original. Conceber a tradução como uma relação complexa entre textos, e não como uma relação de equivalência que pressuponha simetria entre eles, é concebê-la como um espaço de diferenças, em que o processo promove a transformação de valores e significados.

Por outro lado, Halliday et al. (1964, p. 149) partem da concepção de tradução como “a relação entre dois ou mais textos que desempenham idêntico papel em idêntica situação”. Os autores ressaltam que os conceitos de situação e papel idênticos não são absolutos, mas variam em grau. Essa definição reflete a pressuposição de uma alta similaridade entre os textos traduzidos, sugerindo uma expectativa de que a tradução reproduza, em outra língua, um enunciado que desempenhe a mesma função em situações similares. Ainda assim, essa expectativa é relativizada pela observação de que “as situações variam nas diversas culturas” (Halliday et al., 1964, p. 150), o que torna impossível medir precisamente a equivalência contextual e estabelecer um limite para ela. Apesar dessas limitações, a equivalência contextual desempenha um papel central na teoria, ao demonstrar que é possível comparar formas ou construções em diferentes línguas.

Entretanto, a equivalência contextual mencionada pelos autores não se refere diretamente às situações práticas de tradução realizadas por tradutores, mas a uma concepção idealizada de tradução que atende a condições específicas. Assim, embora remetam ao contexto de uso, os autores não tratam necessariamente da tradução em seu uso concreto, mas de uma versão ideal que possibilite a comparação entre construções linguísticas desejadas.

Desse modo, o “equivalente contextual” proposto por Halliday et al. (1964) é entendido como uma construção em uma língua que pode, em determinadas circunstâncias, substituir uma construção em outra língua. Esse conceito serve como base para identificar diferenças e semelhanças entre as línguas, indicando se há correspondência formal entre as categorias a serem comparadas.

Os comentários no fórum *English Experts* seguem exatamente essa lógica ao traduzirem as expressões solicitadas pelos usuários cadastrados. Durante a troca de mensagens entre eles, espera-se não necessariamente uma correspondência formal entre as línguas, mas uma

equivalência de sentidos. A expectativa é que os comentários ofereçam expressões equivalentes às existentes no português brasileiro, refletindo o uso adequado no contexto cultural e linguístico.

Os autores das perguntas geralmente desconfiam da tradução literal fornecida por tradutores automáticos e recorrem ao fórum em busca de uma interação mais rica: uma troca de ideias, uma discussão sobre os sentidos e, sobretudo, uma resposta satisfatória que corresponda a uma expressão equivalente na língua inglesa. Como a própria pergunta do usuário @prs1979 indaga: “...*Is there any EQUIVALENT to...*”, na Figura 3, parte-se da premissa de que a tradução literal dificilmente funcionará nesse contexto. Já se supõe que uma expressão não pode ser simplesmente transposta formalmente entre línguas.

Nesse processo, torna-se indispensável recorrer ao uso cotidiano dos falantes para identificar expressões que sejam equivalentes e culturalmente enraizadas. Essas expressões dependem da vivência dos indivíduos para preservar seu significado, o que reforça a necessidade de uma abordagem tradutória sensível às nuances culturais e linguísticas. Esse ponto pode ser evidenciado na Figura 4.

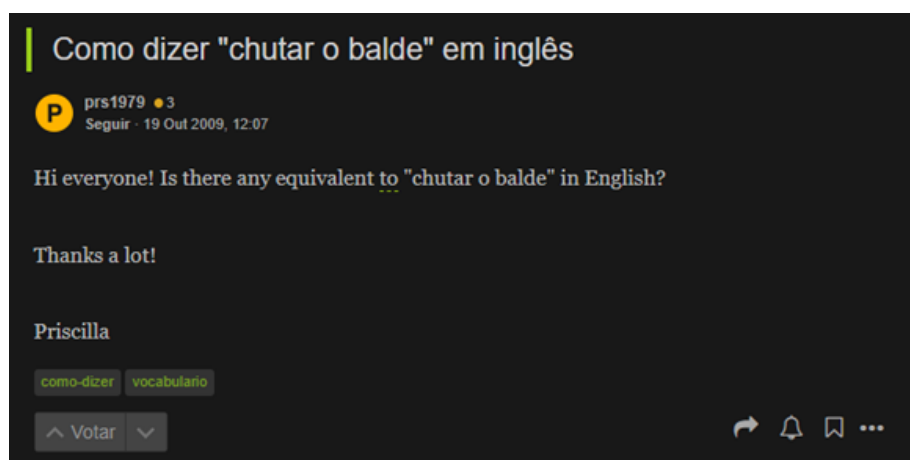


Figura 3 – Equivalente a “Chutar o balde” em inglês¹. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

¹ Olá a todos! Há algum equivalente a “chutar o balde” em inglês? Muito obrigado! (Tradução nossa)

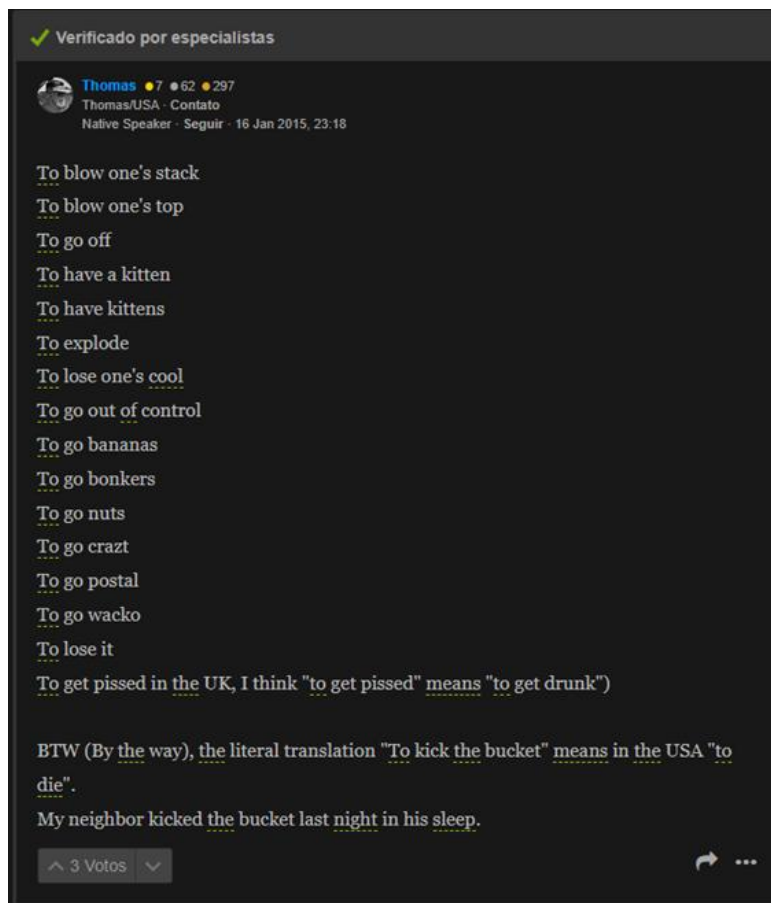


Figura 4 – Expressões alternativas para “Chutar o balde”. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Por sua vez, o TA do Google utiliza-se da tradução literal – também chamada de palavra por palavra. Essa técnica é frequentemente utilizada em situações em que duas línguas apresentam semelhanças semânticas e formais. Esse método pressupõe uma equivalência exata entre as palavras correspondentes.

No entanto, na prática, esse tipo de tradução é raramente aplicável, pois poucas palavras possuem uma correspondência única em uma língua diferente. Isso é mais comum em termos concretos, como “mesa”/“*table*” ou “janela”/“*window*” na combinação português-inglês. Contudo, palavras que expressam sentimentos ou conceitos abstratos, como “medo”/“*fear*” frequentemente apresentam variações em suas interpretações.

Para exemplificar, temos a expressão “foi dessa pra melhor” (Figura 5), amplamente utilizada no PB como um eufemismo para referir-se à morte de alguém. Esse enunciado tem como base o conceito religioso/católico de que, ao falecer, o indivíduo digno é destinado ao céu ou paraíso, um lugar considerado superior à vida terrena. Assim, a expressão mobiliza uma temporalidade do acontecimento fortemente ancorada em valores culturais e crenças sociais.

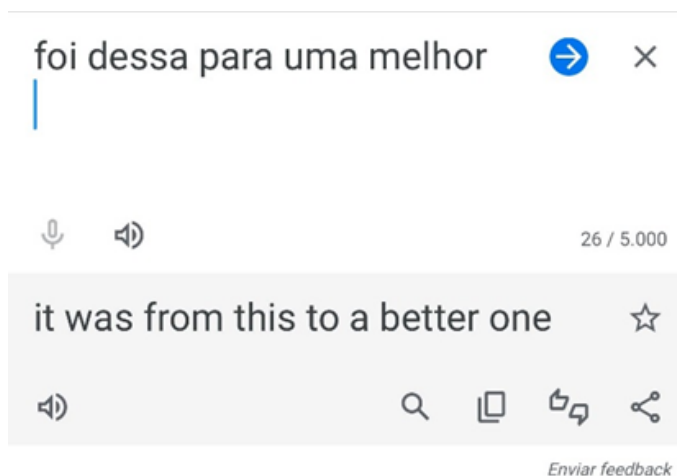


Figura 5 – Expressão “foi dessa para uma melhor” no Google Tradutor. Fonte: Google Tradutor - Disponível em: <<https://translate.google.com.br/?sl=auto&tl=en&text=foi%20dessa%20para%20uma%20melhor%0A&op=translate>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

A tradução literal revela-se insuficiente para estabelecer uma correspondência de significação entre as duas línguas. Conforme discutido na perspectiva da Semântica Enunciativa, os processos de produção e circulação de sentidos estão intrinsecamente ligados à temporalidade do acontecimento, a qual é continuamente atravessada pelos efeitos dos fatos sócio-históricos.

Dessa forma, a expressão “foi dessa pra melhor” deve ser compreendida dentro de uma cena enunciativa específica, para que possamos entender como ela é agenciada pela língua e como ela se insere em uma rede de sentidos já constituída. A compreensão plena dessa expressão requer o reconhecimento da temporalidade do acontecimento, ou seja, a relação do enunciado com a historicidade e a dinâmica social que o circunscreve.

Nesse contexto, ocorrem os jogos de metáfora e as combinações de diferentes domínios discursivos. Isso implica que a EI pode ser interpretada de forma literal — desconsiderando seu sentido cultural — e, portanto, resultar em deslocamentos de sentido na tradução.

Assim, no ato tradutório, os efeitos de sentido são variados e dependem das escolhas feitas pelo enunciador-tradutor, que deve considerar os aspectos discursivos, ideológicos e culturais. No entanto, apesar deste nível de “escolha”, há os sentidos que determinam o sujeito tradutor, sua história de leituras e isto é determinante na tradução que é realizada, bem como os sentidos recortados no acontecimento enunciativo do enunciado ou expressão traduzidos. O sujeito da linguagem é reconhecido por sua capacidade de significar-se e de significar o mundo à sua volta, sendo a linguagem a mediadora entre ele e sua realidade social, espaço no qual os sentidos são historicamente construídos.

De forma resumida, as EIs são carregadas pelo “memorável”, transcendendo o sentido literal das palavras que as compõem. Elas ativam diferentes camadas de sentido, frequentemente organizadas a partir de metáforas que remetem a discursos anteriores e a configurações sociais específicas.

Ao analisarmos equivalências da expressão “foi dessa pra melhor” no inglês, encontramos construções como *pass away*, *meet your maker*, *buy the farm*, *to kick the bucket* – essa última trataremos em mais detalhes na nossa análise. Para falantes nativos do inglês britânico, por exemplo, é mais comum o uso de expressões como *snuff it* ou *pop off* para referir-se ao mesmo evento. O uso de cada uma dessas expressões varia em função de fatores como o grau de polidez exigido pela situação, a sensibilidade em torno do tema da morte e o nível de formalidade esperado no contexto comunicativo.

De outro modo, esses enunciados são selecionados, os efeitos de sentido pretendidos e a identidade sociocultural que o falante deseja construir. Assim, a escolha da expressão mais apropriada é influenciada não apenas por fatores linguísticos, mas também pela cena enunciativa, que inclui os interlocutores, o contexto e as condições de produção do discurso.

Por fim, vale ressaltar que o vasto repertório das EIs disponíveis em uma língua reflete a heterogeneidade do discurso e a pluralidade de sentidos que podem ser acionados. Cabe ao indivíduo que está tratando a língua compreender essas nuances e mobilizar estratégias que garantam uma tradução que preserve os efeitos de sentido originais, respeitando as diferenças culturais e discursivas entre as línguas envolvidas.

4.5.A TRADUÇÃO SOB A ÓTICA DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

A história da Semântica Enunciativa é marcada pelos estudos pioneiros de Eduardo Guimarães, desenvolvidos na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em sua obra *Os Limites do Sentido* (1995), Guimarães investiga como o significado é constituído e delimitado nas interações linguísticas, explorando as relações entre linguagem, sujeito e história. Para isso, o autor realiza uma abordagem interdisciplinar, dialogando com campos como a Lógica Formal, Filosofia, Psicanálise, Semiótica e Análise do Discurso (AD), para construir uma compreensão robusta do funcionamento dos sentidos.

Uma das principais contribuições de Guimarães está na concepção da linguagem como fenômeno histórico e social, em oposição à visão estruturalista que a reduz a um sistema estático de signos. Ele propõe que o sentido emerge na relação entre três dimensões: (i) o sujeito, como

agente de linguagem; (ii) o objeto, como entidade significada; e (iii) a história, que não é linear nem cronológica, mas composta por um passado discursivo (o “memorável”) e projeções futuras (o “interpretável”). Dessa forma, a enunciação é entendida como um acontecimento exclusivo em que o sujeito se relaciona com a língua para produzir sentidos.

Guimarães enfatiza que a constituição do sentido está intrinsecamente ligada às condições sócio-históricas de produção da linguagem. Assim, o sujeito, para essa teoria, não é o centro do dizer. Na verdade, o sujeito é tomado pela língua, ele é agenciado por ela.

No mesmo contexto, a cena enunciativa, segundo Guimarães (2002), “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas”. Envolve a relação dinâmica entre locutor, enunciado e condições de produção discursiva. O locutor é agenciado pela língua e conseqüentemente, pelo sentido, ao passo que o enunciado é a materialização linguística dessa atividade.

De outra maneira, segundo Guimarães (2002, p. 24), toda enunciação envolve necessariamente a presença de um: (i) Locutor (representado por L, em maiúsculo), que é aquele responsabilizado pelo ato de dizer. Conforme o autor, L representa o lugar que se manifesta no próprio discurso como fonte da enunciação. O lugar social ocupado pelo Locutor é denominado por Guimarães (2002, p. 24) como (ii) locutor-x (representado por l, em minúsculo), em que a variável "x" designa o papel social específico assumido pelo locutor na enunciação. Assim como há um locutor-x, também existe um alocutário-x, que corresponde àquele a quem o l-x se dirige.

Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer. Assim estudá-la é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua (Guimarães, 2002, p. 23).

Além desses papéis, há outras figuras fundamentais na análise de qualquer texto, as quais Guimarães denomina Enunciadores. Ele distingue quatro tipos principais de enunciadores, que se relacionam com o modo de dizer de L: a. Enunciador individual - quando a enunciação apresenta o Locutor como independente da história. Ele se manifesta apenas como o lugar de dizer e pode ou não coincidir com o Locutor; b. Enunciador genérico - caracteriza-se pelo apagamento do lugar social do enunciador. É fácil de ser observado em ditos populares, dizeres que são repetidos ao longo da história e cuja fonte já não temos mais acesso; c. Enunciador coletivo - representa a voz de todos como se fosse uma única voz; d. Enunciador universal: apresenta-se como o lugar do universal, transcendendo a história e a esfera social.

Exemplo: "Todas as pessoas morrem" — nesse caso, o lugar de dizer é concebido como estando fora ou acima da história.

Em resumo, a cena enunciativa envolve tanto os lugares sociais do locutor (Locutor e locutores-x) quanto os lugares de dizer, os enunciadores, que podem se manifestar de variadas formas. Com esses conceitos estabelecidos, passemos agora à análise.

Na tradução, especialmente das EIs, essas relações assumem um papel central. A análise enunciativa permite compreender como as expressões cristalizadas no acontecimento enunciativo remetem apenas significados literais, mas também camadas de sentido de enunciações passadas que são culturais e ideológicas. Assim, ao traduzir nossa expressão em análise, “chutar o balde”, não se trata apenas de buscar correspondências linguísticas, mas de entender as condições de produção que conferem sentido ao enunciado no idioma de origem (PB) e sua adaptação ao idioma de chegada (LI), de observar quais memoráveis são recortados no presente do acontecimento, o que significam no presente deste mesmo acontecimento, enunciado dito a partir de um certo lugar social.

Outro aspecto relevante da cena enunciativa é o papel dos espaços de enunciação. Segundo Guimarães (2002), os espaços de enunciação são espaços de funcionamento das línguas, nos quais se estabelecem relações de disputa e transformação contínuas. Esses espaços não são neutros, pois distribuem desigualmente as línguas e seus modos de dizer entre os falantes, sendo atravessados por relações de poder. Cada espaço de enunciação configura uma rede específica de falantes e línguas, que influencia diretamente os significados mobilizados em determinado contexto discursivo. No caso da tradução, essa dinâmica é essencial, pois as expressões idiomáticas podem ser interpretadas de formas distintas conforme o espaço enunciativo em que circulam.

Além disso, a tradução de EIs também está sujeita às diferentes instâncias que produzem e autorizam os sentidos das palavras, como os instrumentos linguísticos tradicionais — dicionários e ferramentas de tradução automática — e os espaços mais dinâmicos e interativos, como fóruns colaborativos *on-line*. Esses últimos, ao se basearem em experiências concretas dos falantes, permitem a construção de sentidos em contextos sociais específicos, evidenciando como os espaços de enunciação não apenas moldam, mas também redefinem continuamente os significados possíveis para um mesmo enunciado.

Por fim, a temporalidade do acontecimento enunciativo é outro conceito fundamental para a análise proposta por Guimarães. A linguagem não se insere em uma linha do tempo fixa. Pelo contrário, ela é constituída pelo memorável que é constantemente lembrado e reinterpretado no acontecimento enunciativo.

Nesse sentido, a enunciação é um evento que mobiliza tanto o passado de sentidos quanto as interpretações possíveis, as projeções futuras a partir do presente do acontecimento. A atualização das EIs em diferentes contextos socioculturais evidencia essa plasticidade semântica, permitindo que novos sentidos sejam atribuídos a construções aparentemente estáveis.

Assim, a tradução das EIs exige do tradutor não apenas um conhecimento linguístico, mas também uma compreensão profunda de sentidos historicamente e socialmente constituídos que afetam o significado. **Isso** porque o sentido não está fixado nas palavras, mas é constituído pelas condições históricas e sociais de uso da língua.

Guimarães argumenta que “as coisas existentes só são referidas enquanto significadas, e não simplesmente enquanto existentes” (2002, p. 10). **Isso** significa que a referência é uma relação entre língua e objeto, mediada pela história e pelo interdiscurso. Assim, o processo de referência dessas expressões é construído a partir da temporalidade do acontecimento, através da história.

4.6. EXPLORANDO A METÁFORA E O SENTIDO PARA AS DEMAIS SUBÁREAS DA LINGUÍSTICA

A questão dos significados não é uma indagação recente nos estudos da linguagem. Levinson (2000), apoiando-se nos escritos de Grice, diferencia o significado do falante do significado da sentença. O primeiro refere-se àquilo que o falante busca comunicar, enquanto o segundo é interpretado de forma literal, em termos de semântica e valores de verdade. O autor ilustra essa distinção com a construção: “A linguística é fascinante”. Quando dita ironicamente, o enunciado adquire um significado totalmente diferente daquele expresso pelos componentes da sentença em seu sentido literal.

Nesse contexto, a Pragmática ocupa-se de compreender os sentidos que transcendem o significado literal da sentença, incluindo fenômenos como a metáfora, amplamente estudada por pesquisadores da área. Diversas teorias exploraram sentenças que fogem a convenções linguísticas mais objetivas; entre elas, destaca-se a Teoria da Relevância de Grice, que será brevemente abordada.

A Teoria da Relevância baseia-se no princípio de que o falante procura ser o mais informativo possível ao se expressar, comunicando suas intenções de forma clara e otimizada. Assim, as metáforas também devem atender a esses requisitos comunicacionais, conhecidos como Máximas Conversacionais - em particular a Máxima da Relevância. Por isso, a teoria não

atribui um tratamento especial às metáforas. Sperber e Wilson (2006) defendem que as "interpretações metafóricas são alcançadas da mesma maneira que outras interpretações. Não há um mecanismo específico para a metáfora, nenhuma generalização interessante que se aplique apenas a elas" (apud Pressoto, 2016, p.172, tradução nossa).

Adicionalmente, a Teoria da Relevância considera as metáforas vagamente delimitadas, uma vez que não podem ser interpretadas literalmente. Ao mesmo tempo, os enunciados metafóricos carregam mais informações do que suas equivalências literais. Dessa forma, o ouvinte utiliza as pistas deixadas pelo falante para inferir e alcançar interpretações plausíveis do que foi comunicado. Embora a teoria não enfatize a cognição em sua abordagem às metáforas, reconhece que há um suporte cognitivo fundamental para estabelecer semelhanças entre os termos, possibilitando as inferências necessárias à compreensão.

Para essa abordagem, essa construção de sentido deriva de experiências particulares, fenômenos e outros aspectos que compõem nosso conhecimento de mundo. Nesse sentido, a metáfora não é tratada apenas como um fenômeno linguístico, mas como parte da cognição humana. Estudos como os de Ferrari (2011), ao citar Fillmore, Kay e O'Connor (1988), argumentam que em EIs de decodificação, como "bater as botas", "o significado não pode ser alcançado composicionalmente (mesmo que o ouvinte conheça o significado das palavras que compõem a expressão, não entenderá o significado da mesma na primeira vez que ouvir)" (Ferrari, 2011, p. 131).

Embora o léxico contribua para o significado dessas construções, ele não é o único elemento responsável pela significação completa. É comum, inclusive, que falantes não estejam atentos ao fato de que uma EI não está refletida diretamente nos itens que a compõem, devido à sua recorrência na língua.

Vale (1999) parte da pergunta "como os falantes identificam e interpretam essas expressões?" e propõe uma conexão entre as expressões cristalizadas e a gramaticalização, sugerindo que o esvaziamento semântico dos elementos individuais é uma característica desse processo: "no aspecto semântico cognitivo, elas são, em geral, imediatamente interpretadas pelos falantes com seu significado, e não pela soma dos sentidos literais das palavras que as compõem" (Vale, 1999, p.164). Além disso, o autor defende que a transparência ou opacidade de uma EI depende não apenas da proximidade de seu significado total em relação aos elementos constituintes, mas também do percurso cognitivo do falante ou ouvinte.

Em 1980, Lakoff e Johnson introduzem uma abordagem cognitiva à metáfora, propondo que ela permeia o cotidiano, a linguagem, o pensamento e a ação. Segundo os autores,

frequentemente não percebemos o uso de metáforas, pois nosso sistema conceitual opera de forma automática e está metaforicamente estruturado.

Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987) realizaram estudos aprofundados sobre o estado metafórico dos fraseologismos, concluindo que os significados de muitas EIs decorrem de suas formações estruturais. Esses autores destacam o papel central da semântica conotativa nas EIs, relacionando-as a valores universais e culturais. Por serem estruturas de caráter metafórico, as EIs oferecem um caminho para compreender valores culturais e as visões de mundo representadas nas línguas. Assim, os idiomatismos são manifestações linguísticas que revelam como as línguas constroem conceitos abstratos.

O conceito de metáfora desenvolvido por Lakoff (1987) vai além da dicotomia entre o literal e o metafórico. Ele descreve a metáfora como uma projeção entre dois domínios: o de partida (origem), que fornece a base concreta, e o de chegada (destino), que geralmente é mais abstrato. O autor argumenta que a metáfora é conceitualmente estruturada, com elementos do domínio de origem sendo mapeados para estruturas correspondentes no domínio de destino. Em contraste com a metonímia, que é conceitualmente determinada e baseada em uma relação direta entre dois componentes, a metáfora é mais arbitrária e depende essencialmente do contexto de uso para ser compreendida.

Diferentemente das abordagens teóricas discutidas e afastando-se ainda da Semântica Formal, que prioriza a análise de sentido e referência, a Semântica da Enunciação concentra-se na construção do significado a partir de fragmentos discursivos. Na perspectiva da teoria da enunciação (Benveniste, 1974; Guimarães, 1987), o enunciado, e não a frase, é o objeto central de análise. Esse enfoque considera a enunciação em sua relação com fatores externos, como o locutor, o interlocutor, o tempo e o espaço. Nessa abordagem, o ato de produzir linguagem ocupa uma posição de destaque, deslocando o foco da estrutura gramatical isolada para o discurso como um todo. Assim, essa mudança de perspectiva realça as dinâmicas envolvidas na produção e interpretação do discurso, sublinhando seu caráter interacional e contextual.

Considerando a importância do conceito de discurso para esta pesquisa e a necessidade de investigar sua relação com a Semântica Enunciativa, torna-se imprescindível compreender como ele é definido no campo da análise do discurso. Orlandi (1992, p. 21) descreve o discurso como o ponto de interseção entre língua e ideologia e, com base nos estudos de Pêcheux, define-o como “o efeito de sentido entre locutores”. Essa perspectiva permite inferir que o interdiscurso se refere à conexão de um discurso com outros preexistentes, evidenciando que todo discurso é, necessariamente, constituído a partir de discursos anteriores. Aprofundaremos a discussão desses conceitos ao longo do texto.

A METÁFORA E O SENTIDO PARA OS ESTUDOS HISTÓRICOS DA ENUNCIÇÃO

A metáfora é um fenômeno central na construção do significado e, por isso, sua abordagem é fundamental para o estudo das EIs. Ambas operam por meio de deslocamentos de sentido, nos quais palavras e expressões adquirem significados que vão além de sua referência direta e literal. Assim como a metáfora, as EIs se constituem dentro de um funcionamento histórico e discursivo, ativando memórias enunciativas que conferem sentidos específicos aos enunciados. Nesse sentido, ao considerar as metáforas nos estudos das EIs, é possível compreender como os sentidos não são fixos nem arbitrários, mas construídos em processos enunciativos que envolvem a relação entre língua, memória e subjetividade.

Como detalhado anteriormente, a metáfora tem sido definida e analisada de muitas formas diferentes ao longo dos anos, dentro de diversos modelos e teorias. Uma das faces que nos interessa aqui é a metáfora sob o prisma teórico da Semântica do Acontecimento, a fim de refletir sobre o fenômeno da significação na linguagem. Nessa perspectiva, não é possível dissociar sentido e memória: discutir um implica, necessariamente, abordar o outro.

Joanilho, na obra *Em Torno das Relações de Sentido* (2007), apresenta as discussões do gramático francês César Chesneau Durmasais, no século XVIII, sobre os *troposfera* e as relações de sentido na linguagem. Os tropos (figuras de significação) estão no centro da teoria de Durmasais e, para ele, é um fato de discurso, algo que não existe fora das relações entre os elementos da língua (Joanilho, 2007).

Joanilho (2007) apresenta a metáfora como uma forma de memória, que “lembra e esquece, abrindo caminho para a transformação” (Guimarães, 1998, p. 88 apud Joanilho, 2007). Na expressão analisada pela autora, ela observa que o sentido também se configura por meio dessa interação entre corpo e linguagem. O que possibilita o deslocamento das designações entre o corpo e a língua é, como abordaremos adiante, o efeito produzido nos enunciados pelas construções metafóricas.

O enfoque na memória nos estudos da linguagem é um movimento que sinaliza uma abordagem que busca compreender os processos históricos e sociais essenciais para construção de saberes coletivos, especialmente na constituição da gramática das línguas. Nesse processo, a memória assume um papel central, funcionando como uma ponte que conecta as práticas linguísticas atuais ao legado cultural e histórico acumulado.

A linguagem, nesse sentido, não é vista apenas como um sistema de signos, mas como um fenômeno que se manifesta no estatuto das línguas e nos saberes linguísticos que essas línguas incorporam. É por meio da linguagem que o ser humano interage, compreende e reconhece o outro — um processo que chamamos de alteridade. Esse reconhecimento do outro,

da diferença e da pluralidade de vozes, acontece, inicialmente, sob uma abordagem filológica e lexicográfica, ou seja, voltada para o estudo das origens, história, estrutura e organização vocabular das línguas. O campo da Semântica do Acontecimento oferece ferramentas necessárias para explorar como a linguagem é construída e transformada ao longo do tempo, destacando o papel da memória nesse processo. Em consonância a isso, a autora discorre:

Toda a experiência em que se manifesta uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a experiência de si. Isto seria o que configura o processo de subjetivação: não existe constituição do sujeito sem subjetivação. E esta experiência não se faz sem se passar pela linguagem. As pesquisas em história das ideias linguísticas têm nos mostrado que a linguagem pode ser explicada na base das descrições e representações da construção do saber linguístico em suas relações com os saberes sociais, de um ponto de vista histórico. A compreensão do modo de funcionamento do processo metafórico pode ser uma das formas de se atingir a historicidade da língua e o estudo desta historicidade (JOANILHO, 2007, p. 21).

De acordo com Joasilho (2007, p. 22), Dumarsais avança no debate sobre a ordem e o funcionamento da linguagem e das línguas, abordando questões que, embora exploradas por outras teorias, seguem caminhos distintos, mas que se cruzam e dialogam. Esses pontos de convergência incluem o efeito metafórico de Pêcheux (1990) nos eixos metafórico e metonímico propostos por Jakobson e Milner e, por que não, o *nonsense* trabalhado por Lacan. São pontos que inauguram discussões sobre significação, abrindo um leque de usos e enriquecem o nosso entendimento.

A distinção entre sentido literal e sentido próprio, conforme Dumarsais (apud Joasilho, 2007, p.23), se fundamenta no fato de o sentido literal representar a significação que uma palavra evoca imediatamente na mente do falante que domina a língua. Já o sentido próprio estaria relacionado ao sentido lexicalizado, configurando uma relação constitutiva entre os dois. Nesse contexto, o sentido literal depende do locutor, enquanto o sentido próprio se estrutura como algo que se faz presente no “espírito” do falante, visto como um legitimador dos significados da língua. Segundo Joasilho (2007, p.23), o que Dumarsais denomina “constitutivo” não seria algo fixo ou previamente estabelecido, mas sim um processo dinâmico de instauração.

Para Dumarsais (apud Joasilho, 2007, p.23), o sentido figurado reflete a “vontade” do locutor ao expressar suas ideias e enunciados. O *tropo*, segundo ele, funciona como um recurso para destacar uma ideia principal por meio de uma ideia acessória, conferindo maior expressividade às palavras, enriquecendo o discurso e tornando-o mais sofisticado. O *tropo* amplia as possibilidades da língua, permitindo que uma mesma palavra assumira diferentes usos

e significados. Assim, o sentido, para Dumarsais, emerge da interação entre o desejo individual de significar (a vontade do sujeito) e a estrutura sintática da língua (Joanilho, 2007).

Além das contribuições de Joanilho (2007), que explora a metáfora em sua relação com a memória e os processos de significação, é relevante destacar a abordagem de Márcia Cançado (2012) sobre o caráter sistemático das metáforas. Conforme Cançado (2012, p. 129), “o significado é construído a partir de estruturas conceituais convencionalizadas” e “as categorias mentais das pessoas são formadas a partir da sua experiência de crescer e agir em um mundo”. Nessa perspectiva, um dos elementos essenciais para nossos processos mentais e nossa categorização de mundo é a metáfora. Retomando as contribuições de Lakoff e Johnson (1980), a autora demonstra que a metáfora não é apenas um recurso estilístico, mas um mecanismo cognitivo que estrutura o pensamento humano. Assim, a linguagem metafórica não apenas reflete, mas também constrói modelos mentais, permitindo a formulação de significados a partir de experiências concretas.

4.7. AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E A METÁFORA

A abordagem das EIs nesta seção do trabalho justifica-se por sua relação intrínseca com o fenômeno metafórico e com os processos de significação na linguagem. As EIs são construções linguísticas cristalizadas que, assim como as metáforas, operam por deslocamentos de sentido e demandam um conhecimento compartilhado entre os falantes para sua interpretação.

Ao analisá-las, torna-se possível compreender como determinados significados são fixados e transmitidos culturalmente, reforçando a ideia de que a linguagem não se limita à combinação literal de palavras, mas é constituída por redes complexas de associações semânticas e discursivas. Além disso, ao discutir a metáfora no contexto das EIs, exploramos como a significação se dá no nível do discurso e da memória enunciativa, revelando os mecanismos pelos quais certos enunciados se estabilizam no léxico e se tornam representativos de uma visão cultural específica.

O léxico de uma língua desempenha funções essenciais, como a criação, armazenamento, organização e transmissão dos signos utilizados pelos falantes, baseando-se na construção do pensamento e na elaboração dos enunciados verbais em um contexto social específico. Basílio (1987) destaca que o conceito de "palavra" sempre foi objeto de debate entre linguistas e gramáticos, mas reconhece que, para os falantes nativos, a palavra é uma unidade linguística básica e facilmente identificável. Historicamente, a gramática considerava a palavra

como a unidade mínima de análise linguística, vista como indivisível e sujeita apenas a variações por flexão nominal e verbal. Contudo, reconhece-se que palavras podem ser formadas a partir de outras palavras, configurando-se como unidades complexas.

Biderman, no artigo intitulado "Unidades Complexas Do Léxico" (2005), aponta a diversidade do léxico, que abrange desde monossílabos até sequências complexas formadas por vários vocábulos, incluindo as EIs. A autora critica a falta de uma teoria lexical consistente nos dicionários de língua portuguesa, resultando em um tratamento assistemático dessas expressões. Xatara (1998) ressalta a dificuldade de fornecer uma definição simples para as EIs, dado que diversos linguistas, de diferentes correntes teóricas, propuseram definições variadas para esse fenômeno.

A autora, por sua vez, tenta definir EI como uma "lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural" (Xatara, 1998, p. 170). A autora explica que o termo "lexia complexa" refere-se a uma unidade frasal ou locucional, sendo indecomponível devido à sua estrutura fechada e distribuição restrita. O caráter conotativo das EIs reside no fato de sua interpretação semântica envolver um nível de abstração que vai além da soma dos significados individuais dos elementos. Além disso, são consideradas cristalizadas porque suas significações permanecem estáveis em função do uso consolidado. Xatara também distingue EIs de outros fenômenos linguísticos, como locuções, combinatórias usuais, perífrases verbais de sentido denotativo, ditados, provérbios e sintagmas terminológicos.

Ainda conforme Xatara (1998), há uma forte presença de EIs na linguagem coloquial, justificada por dois motivos principais. Primeiro, apesar de seu caráter previsível e quase automático dado ao uso frequente, elas possuem um surpreendente poder criativo, manifestado por meio das relações metafóricas e metonímicas que estabelecem, bem como pelo jogo com seu sentido literal. Segundo, pelas suas "transferências semânticas regulares", que partem do concreto ao abstrato e do físico ao psíquico, expressando julgamentos sociais e compartilhando sensações e emoções variadas.

No entanto, embora as EIs estejam presentes no nosso dia a dia, os estudos sobre elas ainda são escassos. Apesar das dificuldades de desenvolvimento e precisão de métodos de análise das EIs, assim como as unidades básicas (as palavras simples), devem ser sistematicamente integradas no inventário dos elementos lexicais que compõem as estruturas semiológicas da linguagem (Greimas, 1960). Contudo, seu tratamento em lexicografia apresenta desafios teóricos e práticos.

Xatara (1998) afirma que do ponto de vista sincrônico, as EIs são indecomponíveis e configuram unidades lexicais complexas, frequentemente classificadas como locuções ou frases

com uma combinatória fechada e de distribuição única ou restrita. Isso significa que suas estruturas não admitem operações paradigmáticas comuns, como substituição ou inserção de elementos externos. Por exemplo, não é possível modificar a expressão em análise “chutar o balde” para algo como “chutar” (para a direita) ou “o balde” (cheio de água), nem trocar partes da expressão “chutar o balde” por “chutar a cadeira”.

As EIs representam paráfrases metafóricas condensadas em unidades que podem equivaler a i) frases completas; ii) sintagmas verbais, e iii) sintagmas verbais. Como exemplos, podemos recorrer ao uso das expressões “nesse mato tem coelho” para indicar que “há algo que não está claro nesse assunto”; “estar com os bolsos cheios” como correspondente a “ter muito dinheiro” e “rodar a bolsinha” como modo de dizer “prostituir-se”, respectivamente (Geckeler, 1976, apud Xatara, 1998, p.149). O *corpus* de nossa análise poderia ser classificado como um sintagma verbal, composto por um verbo – “chutar” – que pode flexionar em gênero e número, um artigo definido – “o” – e, por último, um substantivo – “balde”.

Essa característica estrutural das EIs está diretamente ligada a sua arbitrariedade. Segundo Xatara (1998), as EIs são duplamente arbitrarias porque, como qualquer signo linguístico, a relação entre seu significado e seu significante não é naturalmente motivada. Além disso, as conexões entre os elementos que a compõem também não são linguisticamente motivadas, diferentemente do que ocorre com palavras compostas. As EIs são metafóricas e, durante o processo de metaforização, os componentes individuais perdem sua “função nominativa própria” e tornam-se “dessemantizados”, isto é, o sentido é a soma de seus elementos. É o conjunto da EI que assume uma nova função nominativa.

No entanto, uma expressão não ser passível de decomposição não a torna uma EI. Outro critério essencial é sua lexicalização, ou seja, sua consagração pelo uso contínuo na comunidade linguística. Essa cristalização cultural torna as EIs estáveis em significado, permitindo sua transmissão às gerações futuras e garantindo seu alto grau de codificação. Adicionalmente, as EIs distinguem-se por seu caráter eminentemente conotativo (abstrato). Elas carregam um significado que transcende os elementos que as compõem, refletindo processos culturais e linguísticos complexos.

É esse o motivo da tradução literal não funcionar de modo eficaz. Como vimos, os sentidos das palavras que compõem essas unidades linguísticas não são interpretáveis isoladamente. Por exemplo, na expressão “chutar o balde”, o verbo “chutar” e o substantivo “balde” não contribuem diretamente para o significado final da expressão, que pode ser entendido como desistir/renunciar a algo ou de uma situação ou tomar uma atitude radical – uma resposta a um sentimento de raiva, de cansaço ou decepção. A tradução literal para outra

língua — como “*kick the bucket*” em inglês (Figura 6), que possui um significado completamente diferente: “morrer” — não reproduziria o sentido metafórico e culturalmente cristalizado da EI no idioma de partida (o português brasileiro). O que importa é o conjunto da expressão, que assume um novo significado compartilhado e reconhecido dentro da comunidade linguística que a utiliza.

As EIs dependem de contextos culturais e linguísticos que frequentemente não têm equivalentes diretos em outras línguas. Traduzir uma EI exige, portanto, recriar ou adaptar seu sentido em vez de simplesmente transpor suas palavras, considerando o contexto cultural e pragmático do idioma de destino.



Figura 6 – Mostrar dicionário para “*kick the bucket*”. Fonte: *Google Tradutor*. - Disponível em: <<https://translate.google.com.br/details?sl=pt&tl=en&text=chutar%20o%20balde%0A&op=translate>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

4.8. O MITO DO DICIONÁRIO

Os dicionários, reconhecidos como fontes de referência confiáveis, possuem um caráter normativo e definidor, reforçado pela repetição de edições e atualizações ao longo do tempo. No entanto, as expressões estudadas ainda não são amplamente dicionarizadas. O processo de inclusão dessas expressões nos dicionários gerais não segue um sistema uniforme, enfrentando frequentemente objeções relacionadas à extensão da nomenclatura e à dificuldade de categorização precisa.

Nos dicionários monolíngues, as EIs costumam ser tratadas de forma pouco sistemática, sendo frequentemente incluídas como sentidos figurados de uma das palavras que as compõem, sem uma delimitação clara de sua fixidez sintático-semântica, ou seja, de seu caráter cristalizado pelo uso na língua (Bárdosi, 1992; Heinz, 1993, apud Xatara, 2005, p.153,). Esse

tratamento fragmentado pode dificultar sua identificação como unidades lexicais complexas e independentes.

Pegamos dois exemplos de dicionários. O Dicionário InFormal e o Dicionário Tradicional Michaelis. O primeiro não ocupa o lugar do saber científico, mas reflete o conhecimento linguístico compartilhado pelos falantes. Embora seu discurso se aproxime da linguagem técnica, ele não segue os rigorosos critérios científicos, tratando o saber linguístico popular como uma espécie de “verdade absoluta” no contexto em que é inserido. Esse dicionário representa uma diversidade de vozes e perspectivas enunciativas. A expressão “chutar o balde”, por exemplo, aparece no Dicionário InFormal com definições como: 1. “desistir, desempenhar”; 2. “largar tudo e deixar acontecer naturalmente”, e 3. “Por a perder (geralmente por falta de cuidado). Fazer tudo certo e, no final, estragar tudo”. Nessa última tentativa de definição, o usuário aproxima “chutar o balde” com “chutar o pau da barraca”.

Por outro lado, o Dicionário Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, uma obra de referência mais tradicional, contém aproximadamente 167 mil verbetes, 350 mil acepções, 27 mil expressões e 47 mil exemplos e abonações. No entanto, a expressão “chutar o balde” não foi encontrada como entrada específica no dicionário. Em vez disso, o verbe “balde” inclui a expressão dentro de um contexto mais amplo, descrevendo-a unicamente como “reagir de forma intempestiva a uma situação”, o que não reflete a totalidade de seus significados e usos.

Xatara (2005, p. 154) comenta que o que ocorre na maioria dos dicionários monolíngues, sejam eles gerais, especializados ou de línguas estrangeiras, a compreensão completa das definições geralmente depende de indicativos complementares, como exemplos de uso e contextos de aplicação. Entretanto, nos dicionários bilíngues, essas indicações, quando presentes, muitas vezes não são suficientes para garantir uma tradução fiel, especialmente se não houver explicações contextuais adequadas ou equivalentes que respeitem as particularidades da língua de destino.

5. ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO

5.1. ANÁLISE SEMÂNTICA-ENUNCIATIVA DA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DA EXPRESSÃO IDIOMÁTICA “CHUTAR O BALDE”

Como apontado anteriormente, a tradução é uma prática linguística que tem muitos desafios. Isso se torna ainda mais complexo quando se trata de expressões idiomáticas, já que o caráter metafórico de seus sentidos dificulta uma “identidade” semântica na tradução. Neste

trabalho, nossa proposta é trazer alguma contribuição para os desafios da tradução a partir do quadro teórico da Semântica do Acontecimento. Desse modo, foi escolhida a expressão “chutar o balde”, muito usada em português brasileiro, para analisar sua tradução para o inglês. Em suma, será analisado como dois espaços digitais realizam a tradução, já que os dicionários tradicionais não trazem definições e os poucos que o fazem são bastante sucintos. Nesse sentido, as plataformas Google Tradutor e *English Experts* foram escolhidas por sua popularidade e por serem largamente utilizadas para efetuar traduções.

Para realizar a análise, nos deteremos na descrição e interpretação do processo de reescritura da expressão “chutar o balde” nas definições. Passaremos, então, à análise das reescrituras da EI, que constitui o *corpus* da nossa pesquisa, “chutar o balde”, considerando os comentários do fórum *English Experts* e a tradução literal fornecida pelo Google Tradutor, com base na constituição de seu Domínio Semântico de Determinação (DSD).

De acordo com Guimarães (2007), o conceito de DSD é um elemento fundamental para a análise aqui proposta, pois permite compreender como os sentidos da expressão em questão são constituídos a partir das relações estabelecidas entre ela e as demais expressões que compõem os enunciados analisados. Bertagnoli (2011) aponta que Guimarães defende que “a significação daquilo que é externo à língua só é possível a partir de relações internas a ela, mais especificamente, a partir de uma relação entre as palavras” (Bertagnoli, 2011 p. 13). Assim, a determinação ocorre no ato da enunciação, estabelecendo uma relação entre termos determinantes e determinados. Para Guimarães, compreender o significado de uma palavra implica identificar o seu DSD.

A definição de um DSD envolve dois procedimentos fundamentais: reescritura e articulação. O primeiro diz respeito ao processo de retomada do que já foi dito, reformulando a forma linguística e atribuindo-lhe novos sentidos. Guimarães (2007, p. 84) afirma que esse procedimento permite a interpretação de uma forma como distinta de si mesma, promovendo a atribuição de predicados. Essa predicação não se limita à estrutura sintática do enunciado ou sentença, mas ocorre quando uma expressão faz referência a outra por meio de mecanismos como repetição, substituição, elipse, expansão, condensação, definição, sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração. A retomada de uma mesma forma, portanto, não implica uma repetição exata, mas, sim, uma ressignificação a partir do contexto discursivo.

Dentre as diversas operações de reescrituração, a definição é particularmente relevante, visto que os dados analisados consistem, em grande parte, de definições da EI em questão. Tais definições podem se apresentar de forma espontânea, em registros informais da língua — como

ocorre no corpus retirado do fórum *English Experts* — ou em enunciados estabilizados, como os gerados por tradutores automáticos. Essas diferentes formas de definição refletem lugares sociais distintos de enunciação.

O segundo procedimento, a articulação, ocorre por meio das relações de contiguidade entre elementos no enunciado. Essas relações podem assumir três formas: i) dependência, quando elementos interdependentes formam uma unidade semântica; ii) coordenação, em que elementos de mesma natureza são organizados de forma conjunta; e iii) incidência, que ocorre quando elementos de naturezas distintas se combinam para formar um novo elemento/significado (Guimarães, 2009, p.51).

A articulação por dependência ocorre quando os elementos contíguos se organizam e se constituem um só elemento. No caso de "chutar o balde", a relação entre "chutar" e "o balde" não é meramente composicional, ou seja, não se trata de um significado literal em que alguém de fato desferiu um chute em um balde. Ao contrário, ambos os elementos se combinam para formar uma unidade de sentido figurado, que indica desistência ou abandono de uma situação. Assim, a expressão não pode ser fragmentada sem perder seu sentido metafórico, caracterizando uma relação de dependência.

A articulação por coordenação é aquela que “toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes” (Guimarães, 2009, p. 51). Na expressão "chutar o balde", há uma estrutura verbal em que "chutar" funciona como o núcleo, e "o balde" como complemento direto. Embora não haja explicitamente uma conjunção ligando diferentes elementos, o uso figurado da expressão pode incluir coordenações implícitas, como em "ele chutou o balde e largou tudo", em que "chutar o balde" está coordenado a outra ação que reforça sua interpretação metafórica.

E, por fim, a articulação por incidência que é a relação que ocorre entre um elemento de uma natureza e outro de outra natureza, de maneira a formar um novo elemento do tipo do segundo. Nesse caso, há a relação entre elementos de diferentes naturezas, de modo que um assume a característica do outro. Na expressão "chutar o balde", observamos que um ato físico concreto (chutar um objeto) é reconfigurado no discurso como uma ação abstrata que representa desistência ou revolta. O verbo "chutar", que normalmente se refere a um movimento corporal, incide sobre um sentido figurado ao ser associado à "o balde", que, por sua vez, perde sua concretude e se torna um símbolo da ideia de rompimento com uma situação. Dessa forma, a incidência ocorre ao transformar um evento físico em uma construção metafórica de valor discursivo.

As articulações podem ocorrer tanto dentro de um único enunciado quanto entre enunciados distintos, integrando-os em um texto mais amplo. Dentre os mecanismos de articulação, destacam-se as relações de predicação, referência, pressuposição e argumentação (Guimarães, 2009).

É importante ressaltar que, conforme Guimarães (2007), os processos de articulação sempre devem estar em relação com a reescrituração, ou seja, interdependentes na constituição do DSD. A relação entre linguagem e objetos do mundo, assim, não é direta, mas mediada por uma determinação enunciativa que produz sentidos em movimento.

A análise parte da pergunta inicial feita no fórum (Figura 8), que originou as discussões sobre equivalentes em inglês para a expressão “chutar o balde”. O enunciado que compõe a pergunta já reflete uma tentativa do usuário (@prs1979) de buscar uma equivalência significativa para a EI em português, sem recorrer diretamente a ferramentas de tradução automática (e literal). Essa postura demonstra um reconhecimento prévio de que a tradução literal dificilmente daria conta do significado total da expressão. Surgem, então, algumas questões: como as metáforas se constroem discursivamente em português e como podem ser compreendidas e/ou recriadas em outra língua, como o inglês?

Ao tratar do entendimento dessas metáforas em inglês, percebe-se que divergências de significação são inevitáveis. Isso ocorre porque o sentido das expressões não é formado apenas pela combinação lexical ou pelas regras gramaticais. A tradução literal, portanto, torna-se insuficiente, uma vez que o significado de uma EI está ancorado na memória e nas experiências culturais de um povo.

Para ilustrar os desafios dessa tradução, analisemos um comentário de outro usuário (Figura 8) do fórum que trouxe a tradução literal de “chutar o balde” para demonstrar o deslocamento do significado da expressão original. Na Figura 7, observa-se que a expressão foi inicialmente traduzida como “*kick the bucket*” – tentativa de reescrituração por substituição – assim como o Google Tradutor havia traduzido “foi dessa para uma melhor” (Figura 5).



Figura 7 – Tradução “chutar o balde”. Fonte: *Google Tradutor* - Disponível em: <<https://translate.google.com.br/details?sl=pt&tl=en&text=chutar%20o%20balde%0A&op=translate>>. Acesso em: 12 jan. 2025.

Contudo, como o próprio usuário (Flavia.lm) explica (Figura 8), em inglês essa expressão tem o sentido de “morrer”, não correspondendo ao uso da EI em PB. No português, “chutar o balde” pode se referir à desistência abrupta de uma atividade, muitas vezes desprezando as consequências dessa decisão. O mesmo comentário expande a análise ao oferecer outras expressões em inglês que poderiam funcionar como equivalentes contextuais. No início, o usuário utiliza uma reescrituração por definição, explicando o significado cultural da expressão para outro participante:

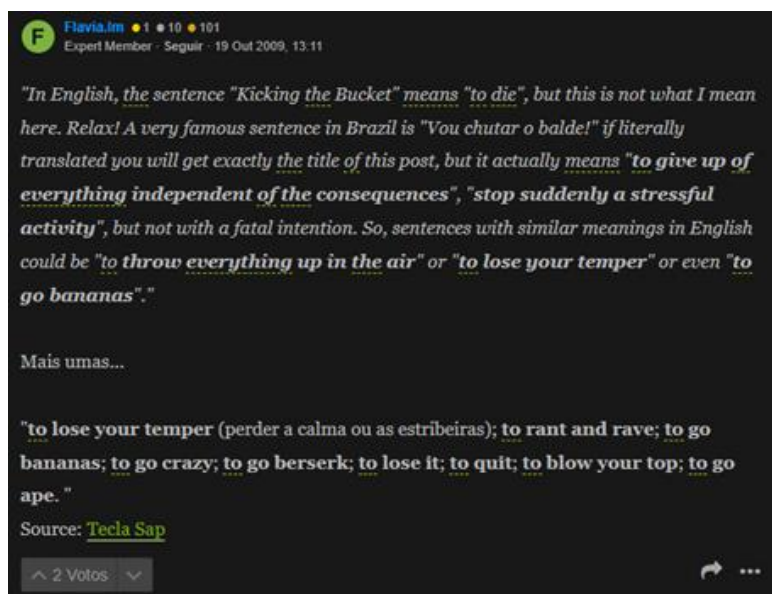


Figura 8 – Buscando o sentido de “Chutar o balde”². Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

A princípio, observei todas as reescrituras da EI “chutar o balde” nos comentários do fórum, para que depois fosse possível determinar as articulações que foram feitas entre a expressão em foco, suas reescrituras e o restante do enunciado em que estava presente. Com isso, será viável constituir seus DSD’s, fazendo uso de sinais gráficos propostos por Guimarães (2007): T, ⊥, ⊢, ⊣, significam “determina” em qualquer uma das direções; - é um traço que demonstra uma relação de sinonímia e lê-se “sinônimo de”; e, o traço contínuo na horizontal que corta o DSD indica os sentidos que se opõem à expressão e lê-se “antônimo de”. Assim, podemos estabelecer o seguinte DSD para “chutar o balde”:

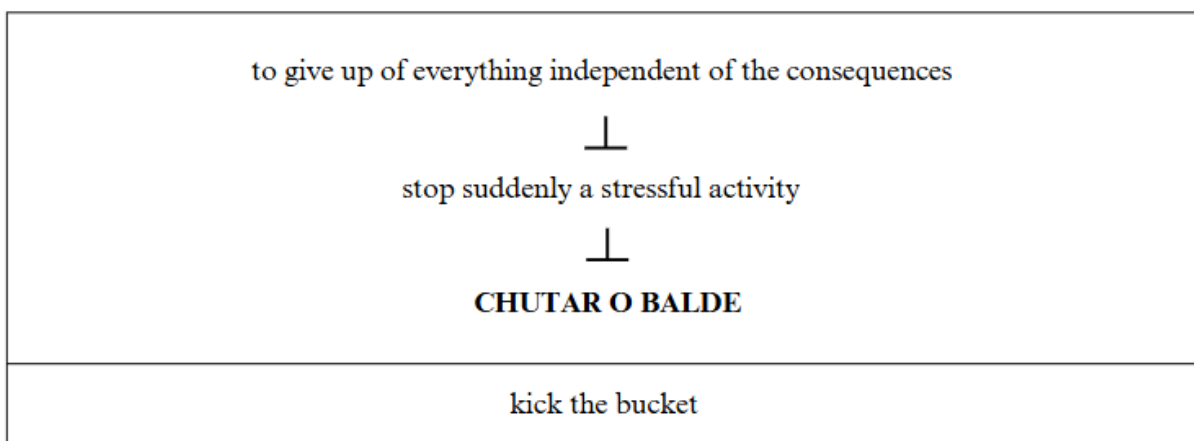


Figura 9 – DSD Reescrituração por definição. Fonte: Autoria própria, 2025.

Posto isso, ele segue com sugestões de reescrituração por sinonímia, demonstrando como os participantes mobilizam sinônimos e expressões aproximadas (reescrituração por expansão) em inglês para tentar captar diferentes nuances do significado de “chutar o balde”: “to throw everything up in the air”, “to lose your temper”, “to go bananas”, “to rant and rave”, “to go crazy”, “to go berserk”, “to lose it”, “to quit”, “to blow your top” e “to go ape”.

² Em inglês, a sentença “Kick the Bucket” significa “morrer”, mas isso não é o que eu quero dizer aqui. Relaxe! Uma sentença muito famosa no Brasil é “vou chutar o balde!” se traduzir literalmente, você vai chegar ao título desse post, mas na verdade isso significa “desistir de tudo independente das consequências”, “parar de repente uma atividade estressante”, mas sem uma intenção proposital. Então, frases com significados similares em inglês podem ser “jogar tudo pelo ar” ou “perder a paciência” ou até mesmo “Tornar-se um banana” (Tradução nossa).

<p>to throw everything up in the air — CHUTAR O BALDE — to lose your temper — to go bananas — to rant and rave — to go crazy</p>
<p>kick the bucket</p>
<p>to go berserk — CHUTAR O BALDE — to quit — to blow your top — to go ape</p>
<p>kick the bucket</p>

Figura 10 – DSD Reescrituração por sinonímia. Fonte: Autoria própria, 2025.

O mesmo pode ser evidenciado nas Figuras:

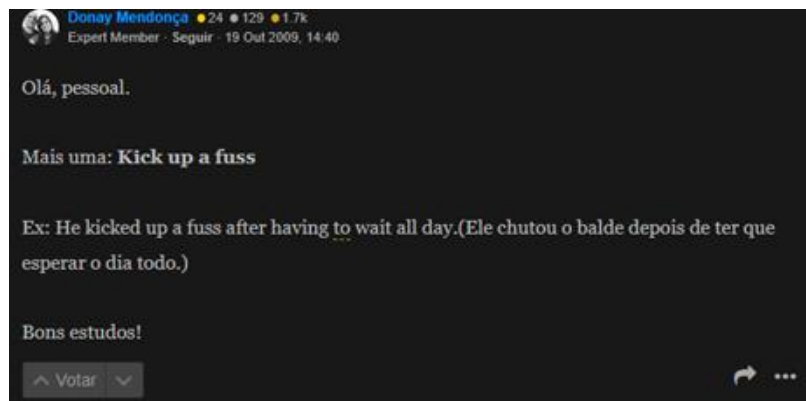


Figura 11 – “To kick up a fuss”. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

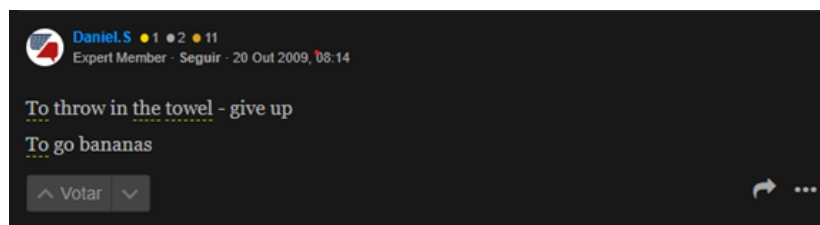


Figura 12 – “To throw the towel”. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

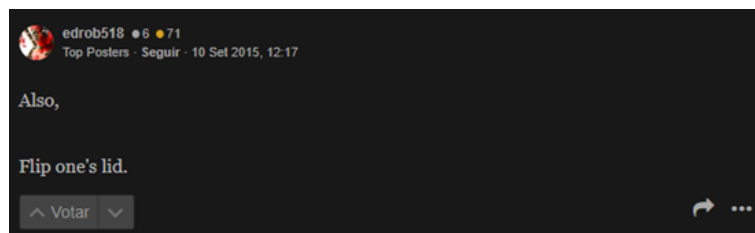


Figura 13 – “*To flip one’s lid*”. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

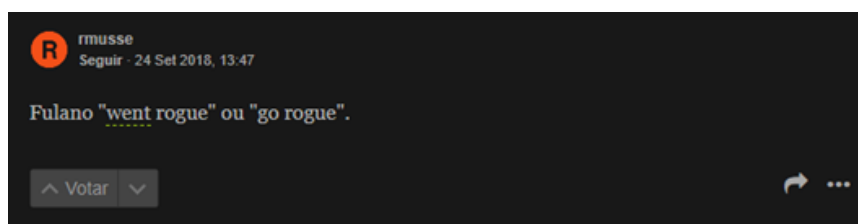


Figura 14 – “*To go rogue*”. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

A questão da diversidade linguística também se manifesta dentro de uma mesma língua, como no caso do inglês britânico e americano, que apresentam diferenças fonéticas, lexicais e idiomáticas. Há diversas variações regionais dentro dos próprios países, o que pode gerar equivalências menos difundidas fora de determinados grupos sociais ou regiões, como o exemplo de *kick the dog* citado pelo usuário Rafael Maciel (Figura 13), que viveu em West Yorkshire, na Inglaterra.

Consideramos aqui que o sentido cultural é idiomático, ou seja, próprio de um determinado idioma, pois não pode ser deduzido apenas a partir dos significados individuais das palavras que o compõem. Sua interpretação genuína depende do reconhecimento do contexto em que a expressão é utilizada. Além disso, mesmo falantes nativos do idioma podem não compreender plenamente seu significado caso não pertençam à comunidade linguística específica em que a expressão surgiu e circula.

Walter Benjamin (2008) discute a questão da tradutibilidade e argumenta que a transposição de um texto para outra língua inevitavelmente modifica sua essência. Para ele, a tradução ideal não deve focar exclusivamente no receptor da obra, pois isso pode resultar na diluição do significado original. A prática tradutória frequentemente leva à “desregionalização” de expressões, um fenômeno que pode comprometer a compreensão plena de obras literárias ou discursiva em seu contexto original. Esse efeito foi identificado, por exemplo, na tradução da obra de Érico Veríssimo para o inglês, em que os regionalismos sul-rio-grandenses perderam parte de sua carga cultural, dificultando a transmissão do contexto social e das características das personagens ao leitor estrangeiro (Silva e Silveira, 2019).

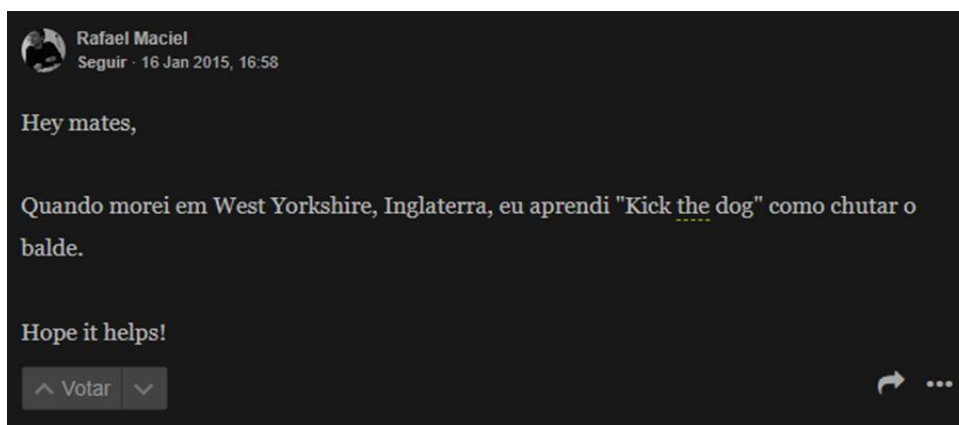


Figura 15 – “To kick the dog”. Fonte: *English Experts* - Disponível em: <<https://www.englishexperts.com.br/forum/como-dizer-chutar-o-balde-em-ingles-t6036.html>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Contribuindo para a análise proposta, a sociolinguística é uma vertente da linguística que estuda as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas e tem como objetivo o estudo da fala em situação de uso. O objetivo central da sociolinguística é relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Preti (2003) explica que, segundo a sociolinguística francesa, as variações extralinguísticas possíveis em um diálogo podem ser de três tipos: geográficas, que envolvem variações regionais; sociológicas, que compreendem as variações provenientes de idade, sexo, profissão, nível cultural, classe social, religião etc.; e contextuais, que constam de tudo aquilo que pode determinar diferenças na fala do locutor, como o assunto, o ouvinte, o lugar e a situação da conversa.

Dentro das variedades geográficas, também chamadas de diatópicas, existe uma oposição fundamental: a linguagem urbana contraposta à linguagem rural. Dentro delas, podem ocorrer outras variações, chamadas socioculturais ou diastráticas. As variantes diastráticas podem ser influenciadas por fatores como idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, bairro de residência e função (Preti, 2003).

O processo tradutório, por ser um confronto entre duas línguas, envolve os condicionantes sociais que abarcam as mesmas, o que atribui relevância à sociolinguística para a teoria da tradução. O tradutor precisa fazer equivaler dois sistemas linguísticos diferentes de modo que ocorra o mínimo de perdas de informações possível. Essa equivalência se manifesta de maneira variável, o que evidencia a presença da sociolinguística na sistematicidade da heterogeneidade linguística. Além disso, cada tradutor é único, cada idioma tem suas peculiaridades e cada texto é singular, mas a língua é sempre um fenômeno social.

Guimarães (2007) enfatiza que o DSD não é uma estrutura fixa, mas sim dinâmica, que reflete os sentidos em movimento. No caso de “chutar o balde”, o DSD evidencia como uma

EI, enraizada na memória do PB, pode assumir novas formas e sentidos ao ser traduzida ou interpretada em outro idioma. Essa transformação não implica a perda de sua essência, mas a produção de sentidos que dialogam com diferentes histórias, culturas e lugares sociais.

5.2. DESCRIÇÃO DA CENA ENUNCIATIVA

Este estudo propõe analisar dois espaços de enunciação distintos, com o objetivo de investigar o que designa “chutar o balde” quando ele é traduzido pelo Google Tradutor, que é uma ferramenta de tradução automática, e quando é traduzido por falantes em um site colaborativo. Após a análise da designação, vejamos a configuração da cena enunciativa nesses diferentes contextos de produção linguística mediados por tecnologias digitais.

O primeiro espaço refere-se a uma plataforma *on-line* de tradução automática, baseada em redes de inteligência artificial, cuja evolução, desde o início dos anos 2000, tem sido marcada por aprimoramentos significativos em seus algoritmos de tradução. Essa ferramenta visa fornecer um suporte ágil e acessível para usuários que necessitam traduzir textos ou áudios entre diferentes idiomas, apresentando-se, assim, como um enunciador institucional autorizado, que se pretende neutro e universal.

Em contraste, o segundo espaço em análise é um fórum colaborativo da internet, caracterizado pela participação ativa de falantes que compartilham experiências e conhecimentos sobre a língua. Trata-se de um ambiente dinâmico, onde a construção do saber linguístico se dá de forma coletiva, refletindo a multiplicidade de vozes e perspectivas dos usuários.

A comparação entre esses dois contextos revela nuances interessantes acerca do imaginário social sobre a confiabilidade das ferramentas de tradução automática, de forma muito semelhante aos dicionários enquanto instrumentos de autoridade linguística. Os tradutores automáticos tendem a ser percebidos como um depositário do saber legítimo, associado a uma suposta objetividade e precisão, enquanto os fóruns colaborativos podem ser vistos com certo ceticismo, em razão da natureza descentralizada de sua produção de conhecimento.

Nesse sentido, recorreremos a Elias de Oliveira (2006, apud Bertagnoli), que destaca a relação assimétrica entre o dicionário e o falante, na qual o primeiro se posiciona como detentor do saber, enquanto o segundo é relegado à condição de sujeito do não-saber, desprovido de autoridade para questionar o conhecimento instituído. Tal dinâmica é observada na forma como a cena enunciativa se configura tanto nas ferramentas de tradução automática quanto nos fóruns

on-line, no qual o tradutor automático assume o papel de enunciador-universal, apagando marcas de historicidade e singularidade discursiva.

Para ilustrar essas diferenças, analisamos a EI brasileira "chutar o balde" e suas correspondências em inglês sugeridas por diferentes plataformas. O Google Tradutor propõe a tradução literal "*kick the bucket*", que, embora semanticamente distante do significado original da expressão em português, é apresentada de forma categórica, sem espaço para ambiguidades ou contextos alternativos. Em contrapartida, o fórum *English Experts* sugere traduções mais contextualizadas, como "*to give up on everything regardless of the consequences*" (desistir de tudo, independente das consequências) e "*to throw everything up in the air*" (jogar tudo para o ar), acompanhadas de explicações e discussões entre os participantes, evidenciando a natureza dialógica e multifacetada do processo de construção do significado.

Essa análise nos permite compreender como diferentes cenários enunciativos moldam não apenas as traduções em si, mas também as representações sociais sobre o que constitui o "saber linguístico" legítimo. Além disso, corroboramos a perspectiva de Elias de Oliveira (2006, p. 20) trazida por Bertagnoli, ao reconhecer que tanto o dicionário quanto as ferramentas de tradução automática não apenas definem palavras, mas também refletem e reproduzem modos de dizer e de pensar próprios das sociedades em que operam.

Não há registros históricos definitivos sobre a origem da expressão "chutar o balde". Embora existam duas versões amplamente discutidas, nenhuma delas é confirmada de forma conclusiva. Alguns estudiosos sugerem que a expressão remonta ao contexto de execuções por enforcamento em épocas em que a prática da forca era um método comum de execução. Os condenados eram colocados em pé sobre um suporte — que podia ser um bloco, uma escada ou um alçapão — e, ao final do ritual, esse suporte era removido, resultando na queda do corpo e na consequente asfixia.

Em alguns casos, especula-se que o suporte teria sido substituído por um balde, que era literalmente chutado pelo executor no momento da execução. Outra versão aponta para práticas de suicídio por enforcamento, nas quais o próprio indivíduo utilizava um balde para alcançar a altura necessária e, ao "chutar o balde", selava o ato. No inglês, a expressão "*kick the bucket*" é utilizada como um eufemismo para a morte, equivalente a termos populares no português brasileiro, como "bater as botas" ou "esticar as canelas" – outras EI do nosso PB.

Observa-se, portanto, que a expressão carrega, em ambos os idiomas, um vínculo simbólico com o discurso da morte violenta, especificamente o enforcamento. Contudo, ao analisarmos os contextos culturais distintos, percebemos uma reconfiguração semântica. No Brasil, "chutar o balde" adquire um significado mais figurativo, associado a um ato de rebeldia

ou de ruptura com normas estabelecidas — um gesto de descompromisso radical, frequentemente desvinculado das consequências. Já no inglês, o significado permanece mais literal, referindo-se diretamente ao fim da vida.

Nesse sentido, é possível traçar um paralelo com a análise de Bertagnoli (2011), quando argumenta que o "memorável" pode funcionar tanto pela presença quanto pela ausência de um atributo valorizado socialmente. Enquanto, no passado, o memorável estava ancorado na materialização da morte violenta de condenados, hoje, no contexto brasileiro, ele se ressignifica pelo ato de romper com restrições, de autorizar-se a errar ou a desafiar o *status quo*, independentemente das consequências. No inglês, por sua vez, o "memorável" permanece associado à própria consequência do ato — a morte.

Nos dois casos, contudo, o que perpassa e sustenta essas representações é o discurso da morte. Esse discurso, mesmo que ressignificado em contextos culturais diversos, atua como um eixo estruturante da cena enunciativa, revelando a persistência de narrativas que, direta ou indiretamente, dialogam com a finitude, seja literal ou simbólica. Tal como Bertagnoli observa em sua análise sobre o discurso capitalista, que valoriza o "ter" em detrimento do "ser", aqui também identificamos um mecanismo discursivo que opera na valorização da ruptura extrema — seja com a vida, seja com as normas sociais — como forma de atribuição de sentido e significado ao ato linguístico.

Após discutirmos algumas questões relativas à forma como são estruturadas determinadas definições e os memoráveis que esses enunciados recortam, podemos afirmar que esses dois espaços de definição configuram cenas enunciativas distintas. Aqui será importante trazer o que Guimarães (2002) chamou de Locutor (ou L-), que não é o sujeito real, mas a fonte do dizer, e, como fonte, ele marca o presente do Acontecimento Enunciativo. Ele deve estar, portanto, situado em um lugar social que o permita dizer/enunciar.

Para tanto, de um lado, temos o Google Tradutor, que se apresenta como um instrumento linguístico voltado para o registro do léxico. Nesse contexto, identifica-se a presença de um Locutor (L) que enuncia a partir de um lugar social específico: o do tradutor (L-tradutor), posição que lhe confere autoridade discursiva necessária para "falar sobre a língua". O funcionamento do espaço do Google Tradutor é marcado por um enunciador-universal, cuja operação discursiva apaga as marcas do lugar social do locutor, produzindo um dizer que assume, assim, a aparência de um enunciado científico, submetido à lógica do verdadeiro ou falso, típica do discurso da ciência.

Contudo, essa pretensa neutralidade é tensionada quando consideramos os limites do Google Tradutor, especialmente no tratamento de Els, gírias e construções contextualmente

marcadas, que escapam ao escopo da objetividade pretendida. O Google Tradutor, embora eficiente para traduções rápidas e informais, apresenta limitações significativas quando se trata de precisão e contexto. Isso ocorre porque ele funciona com base em algoritmos de inteligência artificial, que carecem da percepção enunciativa necessária para captar nuances culturais, variações linguísticas e complexidades semânticas que um humano identificaria facilmente.

É possível ainda observar o funcionamento de um outro lugar de dizer, que não é mais o da ciência, mas o de um consenso difuso, característico da comunicação mediada por tecnologias digitais - o fórum *English Experts*. Nesses casos, o enunciado não é legitimado por uma autoridade científica, mas pela aparente universalidade de um "todos" indistinto, cuja origem não pode ser facilmente localizada. Trata-se da atuação de um enunciador-coletivo, que se constitui na multiplicidade de vozes anônimas e na circulação de saberes comuns, sem a necessidade de uma instância de validação formal.

Por outro lado, o fórum *English Experts* é um espaço enunciativo no qual qualquer falante pode contribuir com definições e interpretações da língua, sem depender da autoridade de um lexicógrafo institucionalizado ou de tecnologias automatizadas de processamento linguístico. Nesse cenário, o L-falante, é autorizado a falar sobre a língua justamente por estar inserido nela e por ela ser constituído.

Assim, aquele que, a princípio, não estaria autorizado a discursar sobre a língua — o falante comum —, simula enunciar a partir do lugar social do lexicógrafo. Essa simulação sustenta um efeito de verdade, conferindo legitimidade aos enunciados, mesmo que essa autoridade não derive de uma instância científica formal, mas do pertencimento linguístico e da partilha de saberes coletivos. Ao posicionar-se como um "dicionário informal", o fórum inscreve-se na esfera da informalidade, o que o torna mais suscetível ao questionamento e à contestação — um contraste significativo em relação à autoridade incontestável frequentemente atribuída a dicionários tradicionais e a tecnologias automatizadas.

Ao compararmos o Google Tradutor e o *English Experts*, notamos diferenças significativas no que diz respeito à linguagem utilizada e à natureza do saber linguístico que cada um mobiliza. O Google Tradutor busca adotar uma linguagem mais "neutra", atenuando a carga semântica potencialmente negativa de determinadas expressões. Esse esforço reflete o compromisso com o discurso científico, que valoriza a objetividade e a suposta imparcialidade, evitando controvérsias que possam fragilizar sua autoridade.

Em contrapartida, o *English Experts*, por ser um espaço construído por uma multiplicidade de sujeitos falantes, revela uma maior abertura para a expressão de vieses, opiniões e uma notável variedade linguística, evidenciando a heterogeneidade dos pontos de

vista que o constituem. Enquanto o Google Tradutor opera com um compromisso com o rigor científico e com a busca pela "verdade" linguística em sua forma mais descritiva e normativa, o *English Experts* privilegia o saber partilhado, refletindo as práticas linguísticas espontâneas dos falantes e o modo como essas expressões incidem sobre e constituem os sujeitos.

O enunciador-coletivo parece ser o mais adequado para definir o lugar de dizer nesse espaço enunciativo, pois o saber é construído coletivamente, por diferentes falantes que compartilham suas experiências linguísticas; o discurso assume um caráter de "consenso social", em que o valor de verdade é sustentado pela repetição (e aceitação comum), e não por uma autoridade científica; as definições e explicações emergem de um processo de negociação discursiva, em que as contribuições individuais se diluem em um saber aparentemente anônimo e compartilhado.

No entanto, há também traços de um enunciador-individual quando os usuários expressam suas opiniões ou interpretam o uso de expressões com base em experiências pessoais. Isso cria uma tensão interessante entre o saber coletivo (enunciador-coletivo) e as vozes individuais (enunciadores-individuais) que coexistem no fórum.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou os desafios e as limitações da tradução literal de expressões idiomáticas do Português Brasileiro para a Língua Inglesa sob a perspectiva da Semântica Enunciativa, considerando, sobretudo, os estudos linguísticos de Eduardo Guimarães. Os resultados evidenciaram que a tradução literal, isto é, palavra por palavra (ou ainda, sintagma por sintagma), ao desconsiderar o contexto enunciativo e o memorável, frequentemente leva à perda de significado e ambiguidades.

Foi evidenciado, a partir da análise da expressão “chutar o balde”, que isso ocorre justamente porque os sentidos não se dão pela mera combinação lexical ou por meio de regras gramaticais. Na verdade, estão ancorados na memória da língua e nas experiências culturais dos falantes. Dessa forma, a tradução não pode ser reduzida a um processo mecânico de substituição de termos, pois a construção de sentido depende do contexto e da situação enunciativa.

Ao comparar a tradução automática do Google Tradutor com as sugestões presentes nos comentários no fórum *English Experts*, observou-se que, apesar dos avanços tecnológicos, as ferramentas de tradução ainda carecem de um olhar humano para assegurar a qualidade, a precisão e a coerência dos textos traduzidos. O fórum, por sua vez, evidencia a importância do

conhecimento linguístico compartilhado, no qual os usuários discutem e refinam as traduções com base no uso real da língua, superando as limitações de abordagens automatizadas e formais.

Assim como Bertagnoli (2011), defendemos que o ensino-aprendizagem do léxico deve ir além da simples memorização de palavras, considerando a complexidade das relações semânticas e enunciativas. Sua pesquisa contribuiu significativamente para este estudo ao demonstrar como expressões do cotidiano, embora aparentemente fixas, mobilizam sentidos que vão além de suas palavras constituintes e emergem em plataformas colaborativas, que refletem o saber linguístico compartilhado pelos falantes.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de abordagens didáticas que privilegiem a inserção das expressões idiomáticas considerando a enunciação, isto é, a língua em funcionamento e, desse modo, em relação aos falantes e a historicidade de sentidos. Ao problematizar as traduções automáticas e literais, este estudo contribui para o ensino de línguas estrangeiras, incentivando práticas que ampliem a compreensão sobre a heterogeneidade dos sentidos e a complexidade da tradução.

Por fim, a tradução dessas expressões cristalizadas permanece um campo rico para futuras investigações, especialmente no que diz respeito ao impacto das tecnologias na construção do significado. Estudos posteriores poderão aprofundar a análise de outras expressões e desenvolver estratégias desde que reconheçam que a relação entre as palavras e mundo é permeada pela historicidade dos sentidos em uma dada língua e sua relação com os sujeitos que a enunciam.

REFERÊNCIAS

- BERTAGNOLI, Danusa Lopes. “**Era Maria vai com as outras; Maria de cozer, Maria de casar**”: Um estudo enunciativo sobre a designação genérica produzida a partir de nomes próprios. *Língua, Literatura e Ensino-ISSN 1981-6871*, v. 6, 2011.
- CANÇADO, Márcia. Protótipos e metáforas. In: CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012. P. 123 – 141.
- DE MELO, Francisco Ramos; DE OLIVEIRA MATOS, Hellen Carmo; DIAS, Emillie Rebecca Bastos. Aplicação da métrica bleu para avaliação comparativa dos tradutores automáticos bing tradutor e google tradutor. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 5, n. 3, p. 33-45, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). **Educar em revista**, 2015.
- FERRARI, Lilian Vieira. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 176 p.
- FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O’CONNOR, Mary Catherine. **Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone**. In: *Language*. 1988, v. 64, p. 501-538.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. 1995.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Domínio Semântico de Determinação**. A Palavra. Forma e Sentido. Campinas: RG/ Pontes. 2007.
- GUIMARÃES, Eduardo. **A Enumeração: Funcionamento Enunciativo e Sentido**. Caderno de Estudos Lingüísticos. v.1. Campinas: Unicamp, 2009
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood, et al. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Trad. Myriam Freire Morau. Petrópolis: Editora Vozes, 1974. 349 p. (Tradução de: *The linguistic sciences and language teaching*, 1964). Coleção Perspectivas Linguísticas, 12.
- JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. **Em torno das relações de sentido: a produção de metáforas de referência para construção do conceito de línguas**. *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, Campinas, SP, v. 10, n. 19, p. 21–34, 2007. DOI: 10.20396/lil.v10i19.8659738. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659738>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. 240 p.
- LEGROSKI, Marina Chiara. Definindo metáfora. **Revista Voos Polidisciplinar**, v. 5, n. 2, 2009.

LEVINSON, Stephen. C. **Pragmática**. BORGES, Luís Carlos; MARI, Aníbal. (trad.) 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020. 548 páginas.

MACHADO, Carolina de Paula. Acontecimento enunciativo e temporalidade: análise de um texto publicitário (Évènement énonciative et temporalité: analyse d'un texte publicitaire). **Estudos da Língua(gem)**, v. 13, n. 1, p. 199-212, 2015. [S. l.].

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Paráfrase e polissemia**: a fluidez nos limites do simbólico. Rua, v. 4, n. 1, p. 9-20, 1998.

PÊCHEUX, Michel. O **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990. [Texto original: PÊCHEUX, M. **Discourse: Structure or Event?** In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Org.). **Marxism and Interpretation of Culture**. Chicago: University of Illinois Press, 1988. p. 633-650.]

PRESSOTO, Leticia. A metáfora: discussão e análise à luz da linguística cognitiva e da pragmática. **IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa: [Des]limiães da linguagem**, Porto Alegre, out. 2016, p. 383-395. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/coloquio-de-linguistica-literatura-e-escrita-criativa/2016/assets/36.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

PRETI, Dino. Sociolinguística: os níveis de fala. 9. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. 2000b. **Tradução**: a questão da equivalência. Alfa, São Paulo, (44):89-98.

SOUZA, José Pinheiro de. **Teorias da tradução**: uma visão integrada. Revista de Letras, Fortaleza, v. 20, n. 1/2, p. 51-67, jan./dez. 1998.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. 2005.

VALE, Oto Araújo. **Expressões Cristalizadas**: Transparência e Opacidade. Signótica, Goiás, v.11, jan./ dez. 1999. p. 163-172. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

XATARA, Cláudia Maria. **O campo minado das expressões idiomáticas**. ALFA: Revista de Linguística, 1998.

XATARA, Cláudia. Maria. Tipologia das EIs. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4274>. Acesso em: 18 jan. 2025.